Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Minas Gerais

Luísa de Assis Roedel

O morto mais se inaugura do que morre:

as distinções sociais nas representações da morte no Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, em Belo Horizonte

Belo Horizonte

2014

Luísa de Assis Roedel

O morto mais se inaugura do que morre:

as distinções sociais nas representações da morte no Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, em Belo Horizonte

Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de título de bacharel em Antropologia, ênfase em Arqueologia.

Orientador: Carlos Magno Guimarães

Belo Horizonte

2014

À vó Myriam, pelos motivos de sempre,

e por me ensinar a entender a morte de uma maneira particular.

Agradecimentos

Sou eternamente grata ao meu pai, mestre primeiro e eterno, pelas horas de ensinamento ao longo da vida. A minha mãe pelo estímulo contínuo, a meu irmão, Diogo, por estimular meu ócio criativo e a minha irmã, Patrícia, talvez minha primeira mentora na curiosidade cemiterial. A minha tia Sonia, pela disposição em ajudar sempre que necessário. Ao amigo Tavos, pela revisão atenta e conversas produtivas. A todos os queridos amigos e familiares que contribuíram de alguma maneira, com cada incentivo e ideia, impressos em gestos, pensamentos ou palavras.

Agradeço ao meu orientador Carlos Magno Guimarães, por ter acreditado no potencial desse trabalho e por todas as conversas construtivas desde então. Às colegas do Laboratório de Arqueologia da FAFICH UFMG, principalmente à Camila e Thais, com quem compartilhei tantos anseios e complicações durante a execução dessa pesquisa. A Ângela, secretária do colegiado de Antropologia, por me orientar durante todos os processos burocráticos (muitos!) durante o curso.

Um muito obrigada, mais uma vez, a Juciane Soares, que me aturou como a companheira de vida sem paciência que sou, sempre me incentivando, acalmando e cuja presença estimulante e apoio foram fundamentais.

Sumário

1. Introdução 7

2. Capítulo I: Das considerações iniciais e metodológicas 9

2.1. Breve histórico sobre cemitérios no Brasil 10

2.2. O Cemitério do Bonfim 13

2.3. Das considerações teórico-metodológicas 24

3. Capítulo II: Dos trabalhos de campo 33

3.1 Relações de gênero: o patriarcalismo e um hermafrodita no Bonfim 34

3.1.1. Morrer em família 35

3.1.2. O túmulo individualizado como exclusão do núcleo familiar 40

3.2. Adornos funerários na era da reprodutibilidade técnica 45

3.3. Quando a morte se apressa: os sepultamentos de crianças 47

3.4. A materialização de afiliações religiosas no espaço funerário 53

3.5. Os bons e maus lugares: ordenação social como fator distintivo 56

3.5.1. Personagens ilustres em localizações privilegiadas 66

4. Capítulo III: Considerações finais 74

5. Anexos 78

6. Referências 81

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender o espaço funerário do Cemitério do Bonfim, localizado em Belo Horizonte, a partir de análises da materialidade dos sepultamentos e outros elementos constituintes da necrópole, além da organização espacial do local. Por meio de ferramentas teórico-metodológicas da arqueologia a pesquisa procurou elucidar os diferentes elementos capazes de diferenciar os indivíduos, segregando-os e classificando-os de acordo com critérios de pertencimento, próprios de cada grupo social.

Palavras-chave: arqueologia histórica, Cemitério do Bonfim, arqueologia das práticas funerárias.

ABSTRACT

This monograph seeks to understand the Bonfim Cemetery, in Belo Horizonte, from analysis of the materiality of burials and other constituents of the necropolis, besides the spatiality of the site. Through theoretical and methodological tools of archeology, this research will elucidate the different elements capable of differentiating individuals, segregating and classifying them according to criteria of belonging, which is specific to each social group.

Key words: historical archaeology, Bonfim Cemetery, archaeology of funerary practices.

1. Introdução

Desde pequena o mundo dos mortos me fascina. Ao viajar de carro, com minha família, sempre pedia para meu pai para entrássemos nos cemitérios das cidades do interior. Geralmente localizados na beira das estradas, eram de fácil visualização para aqueles em trânsito. A curiosidade sobre o universo funerário é uma esquisitice de família, compartilhada por muitos dos meus parentes mais próximos, que acabou me contagiando também.

A ideia inicial dessa monografia surgiu durante uma disciplina do curso de Antropologia, cujo trabalho final era a elaboração de um pré projeto de pesquisa. Diante da vasta possibilidade de temas, o ambiente cemiterial pareceu-me, como já referido, familiar.

Esse primeiro momento foi o responsável pelos contatos primários com a bibliografia especializada sobre o tema, que contempla além de pesquisas arqueológicas, aquelas históricas, filosóficas, etc. Desde então o projeto sofreu várias alterações nas hipóteses, objetos e objetivos inicialmente levantados, que é natural em pesquisas acadêmicas. O universo do Cemitério do Bonfim se revelou muito mais informativo e intrigante do que eu ingenuamente pensava, e com as novas descobertas surgiram novas proposições teóricas e práticas.

Somente em um dos últimos campos realizados para a coleta de dados foi observada a presença de uma simples cova rosa, a princípio como tantas outras, mas que foi capaz de refletir as concepções de gênero e sexualidade de finais do século.

Dessa maneira, as análises segundo relações de gênero não tinham sido preliminarmente pensadas, porém frente à descoberta desse sepultamento tão significativo, essa perspectiva foi também contemplada. As transformações quanto às características a serem observadas, bem como foco de análise ocorreram, portanto, devido a uma ampliação do universo da pesquisa, a partir constatação do grande poder informativo do sítio escolhido.

Esta monografia está dividida em três capítulos:

O capítulo I, *Das considerações iniciais e metodológicas*, contempla a metodologia utilizada, o marco teórico, bem como considerações sobre a implantação das necrópoles no Brasil e em Belo Horizonte.

O capítulo II, *Dos trabalhos de campo*, retrata as experiências ocorridas durante as visitas ao cemitério, ressaltando o que acreditei ser mais informativo em relação à sociedade em questão no período que será futuramente delimitado.

O capítulo III, *Considerações finais*, englobam as conclusões alcançadas, além das potencialidades do sítio que poderão ser melhor analisadas em estudos futuros.

2. Das considerações iniciais e metodológicas

Um dia, Clarice Lispector
Intercambiava com amigos
Dez mil anedotas de morte,
E do que tem de sério e de circo.

Nisso, chegaram outros amigos,
Vindo do último futebol,
Comemorando o jogo, recontando-o,
Refazendo-o, de gol a gol.

Quando o futebol esmorece,
Abre a boca um silêncio enorme
E ouve-se a voz de Clarice:
Vamos voltar a falar na morte?
João Cabral de Melo Neto

Diferentes sociedades apresentam maneiras diversas para lidar com a morte, o que demonstra o forte e inegável aspecto cultural que a envolve. Segundo Nigel Barley em seu livro *Bailando sobre la tumba* (1995), a morte é mais do que uma experiência individual, pois agrega toda uma sociedade em torno de uma última experiência coletiva e ritual. Segundo o autor, apesar da existência contextos rituais tão distintos – que podem ser percebidos dentro de uma mesma sociedade, se considerarmos as diferenças econômicas como fator causador de diversidade nos rituais funerários, como foi percebido no decorrer dessa pesquisa – a morte possui um caráter universal que precisa ser compreendido. Embora a seja uma certeza, as maneiras de lidar com a mesma

podem variar de acordo com a posição social, gênero, etnia e religião, dentre outras variáveis e formas identitárias[1].

Essa pesquisa tem por finalidade compreender as relações da sociedade moderna, desde os últimos três anos do século XIX até meados do século XX, através de análise das estruturas mortuárias do Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte. Esse trabalho busca perceber em que medida as distinções sociais presentes nessa sociedade, durante esse período, podem ser evidenciadas no cemitério supracitado.

Assim, o olhar arqueológico sobre a morte se volta para a preocupação ritual expressa na materialidade dos sepultamentos. A investigação e a análise dos túmulos podem evidenciar símbolos que exprimem uma série de relações dentro de determinada sociedade. Tais símbolos remetem à presença de relações de poder, bem como desigualdades sejam elas quanto ao status econômico e/ou político, a cor ou gênero e a maneira como essa sociedade percebe a morte. A investigação poderá, também, elencar a estratificação de uma sociedade de classes, que segundo Ernest Mandel possui uma desigualdade oriunda da estrutura e desenvolvimento normal da vida econômica, e é mantida e assegurada pelas instituições sociais e jurídicas dessa sociedade.

2.1 Breve histórico sobre cemitérios no Brasil

Em seu artigo "De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX", Tania Andrade Lima[2] apresenta uma síntese a respeito da história, instalação e mudança na localização e estruturação dos cemitérios em um modelo que abarca boa parte das cidades brasileiras. Apesar de sua pesquisa tratar especificamente da cidade do Rio de Janeiro, local em que a arqueóloga estudou cinco cemitérios, o histórico por ela realizado contempla mudanças quanto à concepção, localização e transformação da maioria das necrópoles brasileiras.

A autora ressalta dois tipos de necrópoles: as religiosas, que eram particulares e nas quais indivíduos negros, acatólicos, judeus, muçulmanos, ou índios não podiam ser

---

[1] Stuart Hall (1992) aborda o fenômeno da identidade no contexto da pós-modernidade. Ele discorre sobre um descentramento da identidade tradicional para um campo mais fluido de identificações múltiplas. Ao longo da pesquisa percebeu-se que existem variáveis múltiplas que conferem diferentes concepções da morte e da materialização dos sepultamentos.

[2] LIMA, Tania Andrade. *De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais).* In: Anais do Museu Paulista. N. Ser, v.2, dez/jan de 1994. p. 87-150.

enterrados, geralmente localizados nas proximidades de igrejas católicas. Somente a elite era enterrada *ad sanctos*, ou seja, em local sagrado, nos cemitérios religiosos localizados dentro ou anexo às igrejas. A outra categoria engloba aqueles cemitérios denominados seculares, que são públicos e não possuem restrições, diferentemente dos de ordens religiosas[3]. Esses últimos passaram a ser, a partir da última década do século XIX o modelo vigente para a cidade dos mortos, pois os cemitérios próximos às igrejas entraram em decadência, principalmente por causa de mudanças da mentalidade que privilegiavam uma nova preocupação com a higienização da cidade, aumentando a distância física e posicionando o cemitério nas periferias, longe dos locais de maior movimento cotidiano. A própria tendência higienista do começo do século XX não foi meramente uma política de saúde pública, mas também de "limpeza social". O surto de epidemias que ocorria em grandes centros urbanos, como no Rio de Janeiro, durante o século XIX, aliada a ideologia de sanitarização presente na época fez com que os cemitérios adjacentes às igrejas fossem severamente combatidos, por serem prováveis fontes de proliferação de doenças.

Após a Proclamação da República, em 1889, os cemitérios passam a ser obrigatoriamente laicos. Percebe-se, entretanto, uma preocupação por parte das autoridades em isolar os espaços funerários desde décadas anteriores. Todavia, essas recomendações só vão ser colocadas em prática algum tempo depois, e tornam-se o modelo padrão de cemitérios, sem referências religiosas, longe de igrejas e nas periferias das cidades somente no final do século XIX. Segundo Marcelina Almeida, já em 1804, Napoleão estabelece um decreto que determina a localização dos cemitérios em pontos altos e arejados das cidades, obrigatoriamente longe das habitações. Todavia, o surto de sanitarização europeu surtiu efeito nos cemitérios brasileiros quase cem anos depois da normatização de Napoleão. A partir de então, as necrópoles abrigariam todos os tipos de pessoas, sem restrições quanto à cor, credo ou classe social. Dessa forma, as mais variadas classes sociais, tais como escravos, alforriados, camponeses e comerciantes, antes segregadas por causa dos enterros *ad sanctos*, destinados à elite branca e católica, passaram a conviver no espaço funerário.

> O espaço funerário é assim cercado, bem delimitado, murado, gradeado (as normas definem até a altura dos muros e das grades,

[3] A igreja perde finalmente o controle sobre a morte quando, em 1891, a lei de secularização dos cemitérios garante o direito ao sepultamento de não católicos. Não se podia, a partir de então, negar o enterramento de qualquer civil nos cemitérios públicos. (Motta, 2009, p. 80)

> sempre bem superiores à estatura média de um indivíduo, de forma a desarticular a sua transposição). É cuidadosamente repartido, quadriculado (aléias, quadras, etc.), geometricamente alinhado, ordenado, de modo a permitir a observação, a vigilância o controle. (Lima, 1994, p.5)

Ainda segundo Tania Andrade Lima, os cemitérios construídos nesse molde tornam-se uma cidade fechada, na qual o controle do contato entre vivos e mortos é sistemático, podendo ser realizado apenas à luz do sol, momento em que é possível ter visibilidade e comando sobre as pessoas em que ali circulam. A exemplo, no Bonfim, os portões se fecham às 18h e a necrópole é cercada por um muro de mais de 3 metros de altura, acrescido de uma cerca de arame farpado e cacos de vidro no topo, dificultando a entrada fora do horário permitido. Os muros de tamanha altura são intencionais e criam uma espécie de muralha cercando a cidade dos mortos.

Foto[4] 01: Parte do muro delimitador do Cemitério do Bonfim, situado na rua Jaguari.

Os aparatos de defesa supracitados têm a função de inibir qualquer tentativa de entrada no cemitério que não seja feita pelos meios convencionais, ou seja, a entrada principal que é vigiada apenas durante o dia. À noite, a guarda municipal realiza rondas

[4] Todas fotografias são atribuídas a autora.

esporádicas no local, de acordo com o depoimento do encarregado dos coveiros Luis Carlos Zaidan[5].

A cidade dos mortos é cuidadosamente delimitada não apenas para prevenir furtos ou depredação das sepulturas. Este local é considerado no imaginário coletivo um espaço da morte por excelência, que é tratada no plano do misterioso e do sagrado.

As paredes atuam como definidores de limites e, nesse caso, definem o espaço funerário. Os grandes muros do cemitério criam uma separação tanto física quanto simbólica em relação aquele espaço, buscando desconectá-lo do resto da malha urbana.

2.2 O cemitério do Bonfim

O cemitério do Bonfim é tão antigo quanto a própria cidade de Belo Horizonte e foi planejado para atender as necessidades de sepultamento da então nascente capital. Foi inaugurado em fevereiro de 1897, alguns meses antes da fundação da nova capital mineira. Belo Horizonte foi uma cidade planejada, um símbolo da modernidade e da República, ligado às ideias positivistas de ordem e racionalidade.

O Bonfim foi planejado pela Comissão Organizadora da Nova Capital e ocupa 160 mil metros quadrados no bairro homônimo. Na época em que foi planejado, o bairro escapava das margens do perímetro urbano, que era delimitado pela Avenida do Contorno, em uma tentativa de destinar um local relativamente distante para os mortos, de acordo com a ideologia vigente no período. Nessa época os cemitérios eram uma prioridade no processo de modernização da malha urbana, como reflexo das políticas de salubridade que foram adotadas a partir da segunda metade do século XIX. Até então os sepultamentos eram feitos dentro ou próximo às igrejas; com o higienismo essa prática caiu em desuso e os sepultamentos passaram a ser feitos “extramuros”, em regiões mais afastadas do convívio urbano, como já exposto.

A planta abaixo representa a cidade planejada de Belo Horizonte, que estaria confinada na área em laranja. Na borda inferior, o retângulo em vermelho indica o Morro dos Meneses, local no qual foi construído o cemitério. De acordo com a premissa de ordenação do espaço, destinou-se um lugar bem afastado para a necrópole da nova capital mineira, como se pode perceber pela planta.

[5] Informação obtida em entrevista com Luis Carlos Zaidan.

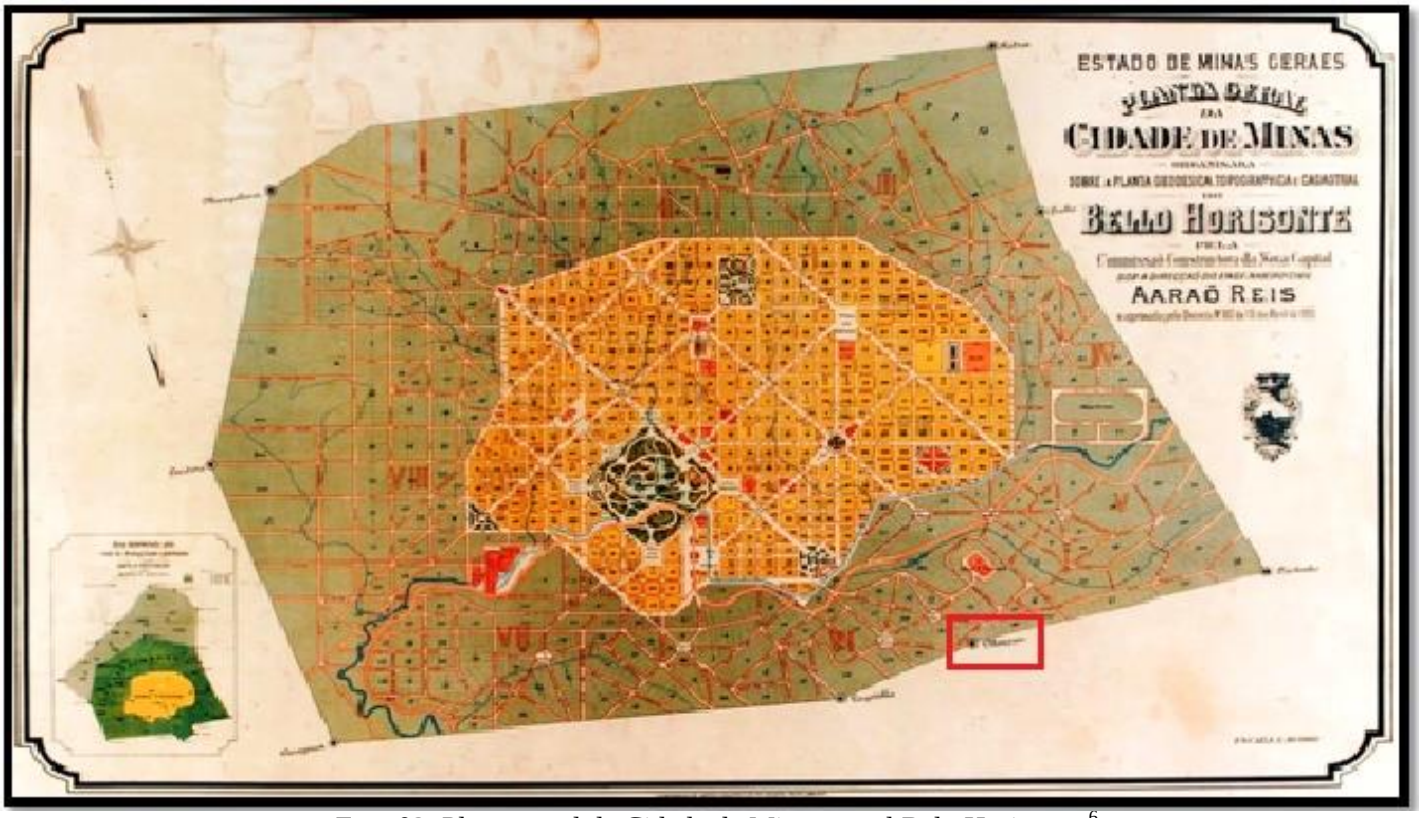

Foto 02: Planta geral da Cidade de Minas, atual Belo Horizonte.[6]

Uma das primeiras medidas tomadas pela Comissão foi proibir os sepultamentos que eram realizados no entorno da Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem. Durante as obras do Bonfim, um cemitério provisório foi construído, localizado ao lado da Capela do Rosário, onde hoje é o quarteirão entre as ruas Rio de Janeiro, São Paulo, Tupis e Tamóios, no centro da cidade. A Capela está lá até hoje, apesar do entorno ter sido reocupado por lojas e prédios de apartamentos, dentre outros.

O cemitério provisório possuía apenas quatro quadras, que faziam distinções entre gênero e idade, organizando os sepultamentos em adultos do sexo masculino, adultos do sexo feminino, crianças do sexo masculino e crianças do sexo feminino. Ainda que provisório, o cemitério deveria se adequar às novas ideias de construção da capital, sendo a ordenação espacial um dos fatores principais do projeto.

O urbanismo funerário brasileiro não adotou o modelo anglo-saxônico de *rural cemetery*[7], de forma a seguir o modelo europeu, ou seja, aquele caracterizado por

[6]Planta Geral da Cidade de Minas. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos/brtacervo.php?cid=107 Acesso dia 26 de Setembro de 2014.

quadras regulares cortadas por alamedas e pequenas ruas, que geralmente levam a uma capela ou monumento central. Esse foi o modelo pensado para o Bonfim, que possui duas alamedas principais entrecortadas e várias ruas secundárias. O edifício correspondente às capelas nos cemitérios europeus foi planejado para ser um necrotério e foi utilizado para tal fim por poucos anos para, depois, ser usado como capela. O prédio do necrotério rompe com a necessidade de uma capela para sacralizar o local, edifício que era imprescindível em grande parte dos cemitérios oitocentistas[8]. A construção de Belo Horizonte é carregada de significados políticos e simbólicos, como o planejamento e os ideais republicanos. Dessa maneira, a capital nasceu laica, bem como o cemitério, apesar de o mesmo apresentar alguns símbolos religiosos em sua estrutura que contradizem essa pretensão laica, que serão abordados adiante.

O fato de o Cemitério do Bonfim ter sido planejado por muitos dos membros que participavam também do projeto da construção de Belo Horizonte sustenta a relação entre o traçado arquitetônico semelhante da cidade e do cemitério. Esse último foi dividido em 54 quadras, com suas ruas principais e alamedas secundárias.

Consta que o total de inumados é de 209.257, segundo dados da Prefeitura de Belo Horizonte atualizados em 25/03/2014, em aproximadamente 17 mil sepulturas. O cemitério possui ainda nove salas destinadas a velórios, que não são originais, tendo sido construídas posteriormente para lidar com a crescente demanda de enterramentos e a nascente necessidade de se velar os mortos no cemitério.[9] É preciso considerar as mudanças sociais que demandaram essas alterações construtivas no complexo cemiterial. Nas décadas de 1950 e 1960 muitas famílias de classe média passaram a morar em prédios recém-construídos, no Centro e em outros bairros adjacentes. Os edifícios impõem uma limitação relacionada ao tamanho, de forma que os velórios em casa tornaram-se mais difíceis de serem realizados e, assim, era necessário destinar outro local para os rituais de despedida. Nesse contexto, em que as casas passam a não ser o modelo de habitação dominante, surge a demanda de construir os velórios próximos ao Bonfim.

---

[7] *Rural cemetery* ou cemitério jardim são aqueles espaços funerários que se destacam pelo paisagismo e áreas verdes. Entende-se que quanto mais se nega a morte, nesse caso pela construção de um cemitério que não faz referências ao morrer, menor sua força sobre as pessoas.

[8] Almeida, 2007.

[9] Dados oficiais, disponíveis no site da Fundação de Parques Municipais de Belo Horizonte: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=21224&lang=pt_BR&pg=5521&taxp=0& Acesso em: 16/09/2014

Fonte: © 2007 Google, SIO, NOAA, US Navy, NGA, GEBCO; © 2013 Maplink/Tele Atlas; © 2013 Digital Globe..

O projeto urbanístico do Bonfim é baseado nos moldes positivistas de uma cidade que foi planejada para não extrapolar certos limites geográficos, com os espaços ordenados, para que o cemitério também fosse sanitário. Os resquícios dessa organização podem ser notados no projeto de quadras temáticas, ou seja, determinados espaços que eram destinados, a princípio, exclusivamente para certos tipos de sepultamento. Com o passar do tempo, a superlotação do local e venda de alguns jazigos fez com que essas quadras não fossem mais ocupadas apenas por um grupo particular. Existem quadras que originalmente eram específicas para crianças, como no caso da quadra 03, ou políticos, como na quadra 18, que conta com os mausoléus de Olegário Maciel e Raul Soares, ambos ex-governadores de Minas Gerais. É válido ressaltar que nessa cidade idealizada, em que a morte supostamente funcionaria como agente equalizador existe uma quadra destinada, em sua maioria, para políticos, figuras religiosas e importantes personalidades da sociedade belorizontina. Em um momento marcado pela nascente burguesia e no qual a política nacional era composta exclusivamente pelas elites oligárquicas, o desejo por parte das elites de perpetuação dessas segregações presentes em vida é evidente.

Dessa forma, o Bonfim integra os primeiros modelos de cemitérios públicos, nos quais é projetado um espaço que faz alusão à cidade dos vivos, com suas alamedas, ruas, quadras e praças características, em oposição aos modernos cemitérios parque, que buscam trazer um ar mais leve aos velórios e enterros através de suas paisagens bucólicas projetadas para tal fim, com a finalidade de *apagar no morto o grande castigo da Morte*[10].

Embora com a República o Estado passe a ser laico e, por extensão, os cemitérios também, fica claro que o Bonfim foi construído sob a égide cristã. O portal de entrada, encontram-se duas cruzes em baixo relevo e, no frontispício, acima da inscrição em latim "*Moritvri Mortvis*", que significa "os que vão morrer aos mortos", há uma terceira cruz, completando o jogo de símbolos cristãos na fachada que dá acesso a necrópole.

[10] Trecho do poema O Defunto, de Pedro Nava. Disponível em: https://www.bu.ufmg.br/links/oDefunto.htm (Acesso dia 07/09/2014)

Foto 03: Entrada do Cemitério do Bonfim.

Além disso, apesar dos valores modernos da fundação da nova capital mineira e conseqüentemente do cemitério, o batismo do que antes era chamado de Cemitério Municipal para Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim[11], exalta a importância dos valores cristãos na sociedade. Logo na praça central, localizada no cruzamento de duas avenidas, tendo uma localização privilegiada, pode ser observada uma escultura em bronze de Cristo em grandes dimensões, o que reitera a influência católica.

Apesar da grande influência dos valores cristãos tanto na construção e organização espacial do cemitério, quanto nos adornos funerários, o Bonfim, diferentemente de outros cemitérios oitocentistas como o do Agramonte em Portugal[12], não teve em sua construção um edifício planejado para ser uma capela. Tal edifício foi de fato construído, porém com o intuito original de ser um necrotério. A organização das cidades pode ser entendida como materialização das representações coletivas, que por sua vez, não criam conceitos estáticos para a concepção urbana. Ao longo dos anos a finalidade do Edifício do Necrotério foi ressignificada; o prédio foi posteriormente utilizado como capela, o que indica novamente que esse espaço funerário era laico apenas em teoria, além de enfatizar a importância e influência dos valores cristãos, apesar das propostas modernizadoras. Atualmente, o edifício se encontra fechado e em

[11] Almeida, 2007, p. 158
[12] *Op. Cit.,* p.160

péssimo estado de conservação, apesar de ter sido tombado pelo IEPHA, em 1976[13]. Dado o caráter dinâmico das cidades no que tange a materialidade, espacialidade e significados, uma construção pode ser utilizada de maneira nova e distinta em relação ao que foi concebido primeiramente.

Foto 04: Edifício do Necrotério, posteriormente utilizado como capela.

[13]Relatório Final de Pesquisa de Inventário do Acervo de Estruturas Arquitetônicas e Bens Integrados do Cemitério do Bonfim – Belo Horizonte, IEPHA-MG, 2010. Disponível em: http://www-antigo.mpmg.mp.br/portal/public/interno/arquivo/id/22622 (Acesso dia 30/09/2014).

Cabe ressaltar aqui o tratamento dispensado aos bens patrimoniais tombados e discutir o próprio tombamento como medida preservacionista. Apesar de ter sido registrada sua importância em nível municipal, isso não impediu que o edifício ficasse abandonado, sujo, sem atender as funções de necrotério ou capela. O prédio foi tombado de acordo com o ideal presente na política preservacionista brasileira desde sua concepção, privilegiando o monumental e belo, ainda que não represente grande parte da população. Uma vez considerado um bem patrimonial, é necessário que exista uma gestão do patrimônio para o mesmo esteja conservado, o que não acontece nesse caso.

Foto 05: Interior do Edifício do Necrotério.

Pierre Nora ao discutir a fragilidade da memória (*apud.*Almeida, 2007, p. 240) afirma que *"*se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares.", indicando que os monumentos são erguidos porque precisam nos lembrar de algo. O edifício público e tombado, assim como os sepultamentos, são adornados e pensados de maneira a transmitir algum pedaço da história que se deseja eternizar às populações vindouras. A preocupação com a preservação dos sítios arqueológicos e aqueles vestígios que trazem informações sobre as relações sociais se faz importante na medida em que contribuem para rememorar as identidades que esta cultura material representa.

Nesse sentido, não só o edifício do necrotério – materialização do poder público e construído com recursos da prefeitura -, bem como vários sepultamentos encontram-se em péssimas condições de preservação, sendo exemplos de atentados contra a memória coletiva ou individual.

As famílias que deixam de pagar as taxas administrativas do cemitério perdem o direito à propriedade e à terra, no caso dos jazigos transitórios. O espaço funerário passa a ser mais uma mercadoria para a obtenção de lucro, uma vez que os lotes são vendidos novamente para que haja um reaproveitamento de sepulturas. No caso dos jazigos perpétuos, os túmulos não podem ser titulados a outra família, de maneira que uma vez deixando de pagar as taxas do cemitério, o túmulo permanece como está independente de suas condições de conservação. Em decorrência disso existem inúmeros jazigos parcial ou completamente destruídos, em função de atos de vandalismo ou a ação do tempo.

A poluição visual causada por estes túmulos ofusca os sepultamentos ao redor, muitos dos quais investiram uma energia e capital consideráveis buscando tornar perene a memória de um indivíduo ou grupo.

Foto 06: Jazigo destruído.

Em entrevista com o encarregado dos coveiros do Cemitério do Bonfim, Luis Carlos Zaidan, que trabalha no local há 32 anos, o mesmo reiterou o que já se esperava:

muitas famílias deixam de pagar taxas de manutenção da sepultura (por motivos diversos, obviamente), quando se mudam para outras localidades ou por alguma razão não tem interesse em conservar aqueles túmulos. Assim, o Cemitério não toma para si a tarefa de preservar esse patrimônio, que além de transmitir uma história individual, conta a da própria cidade de Belo Horizonte. Mesmo com o alto muro para proteção, ocorrem furtos com frequência.

Apesar de o cemitério ser um local sagrado, de respeito aos mortos, o vandalismo remete a questões mais complexas, de ordem econômica, que revelam a desigualdade social da sociedade brasileira, materializada já no início da República nos cemitérios oitocentistas e perpetuada até os dias de hoje. O passado colonial, a herança escravista e a preservação de alguns segmentos dominantes são elementos que contribuíram para a manutenção das desigualdades, presentes até a atualidade. As distinções observadas nas primeiras quatro décadas do cemitério ainda existem, apesar de os sepultamentos mais recentes do Bonfim revelarem a presença majoritária de membros da elite. Isso ocorre uma vez que esse espaço funerário se configurou como reduto dos grupos abastados com o passar do tempo, uma vez que foram construídos outros cemitérios nas periferias, com preços mais acessíveis.

Para critérios de definição de um universo de pesquisa – baseado em fatores cronológicos e espaciais – serão analisadas apenas sepulturas que se encontram dentro do recorte cronológico que vai de 1897, ano da fundação do Cemitério do Bonfim, a 1942[14], quando é inaugurada a segunda necrópole mais antiga da cidade: o Cemitério da Saudade. Conforme o site da Prefeitura de Belo Horizonte, no qual consta que:

> Segunda necrópole mais antiga de Belo Horizonte, o Cemitério da Saudade foi construído, em 1942, para abrigar a população carente da cidade que desejava obter um jazigo perpétuo, mas não tinham acesso ao imponente Cemitério do Bonfim[15].

[14] Dados da Fundação de Parques Municipais da PBH. Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&lang=pt_BR&pg=5521&tax=21226 (Acesso dia 12/10/2014)

[15] Dados da Fundação de Parques Municipais da PBH. Disponível em: http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&lang=pt_BR&pg=5521&tax=21226 (Acesso dia 12/10/2014)

Uma análise de todas as estruturas funerárias contidas no Bonfim é certamente importante, uma vez que representam indivíduos ou grupos particulares e são expressões de patrimônios diversos que merecem ser lembrados. Todavia, para este trabalho tal estudo não seria factível dentro das dimensões do cemitério (160.000m^2) e a quantidade de túmulos (aproximadamente 17.000). As quadras 16 e 17, de acordo com Almeida (2007), foram as primeiras a serem ocupadas e por isso, mostrariam mais jazigos datados da fundação do cemitério. Também foram selecionadas duas quadras inicialmente pensadas para serem temáticas, que abrigam políticos e crianças: respectivamente a quadra 18 e a quadra 03.

Um estudo direcionado à morte pode nos levar a compreender de forma mais clara determinada sociedade em vida. Dessa forma, a pesquisa no Cemitério do Bonfim procura evidenciar as desigualdades sociais de certa parcela da sociedade mineira durante parte do século XX. É preciso ainda lembrar que o Bonfim se consolidou como o cemitério tradicional e que abriga grande parte da elite de Belo Horizonte, além é claro de abrigar outras classes economicamente excluídas, mas que eram maiores durante suas primeiras décadas. Entretanto, a prevalência desse cemitério como reduto da elite limita esse estudo a uma parte reduzida da população, que foi ali enterrada. Em 1936[16], foi inaugurado o Cemitério Israelita, que não tinha caráter público. Por mais de quatro décadas, até a fundação do Cemitério da Saudade o Bonfim foi a única necrópole "para todos", o que fez com que durante esse período boa parte dos habitantes de Belo Horizonte fosse enterrada nesse espaço, apesar de diferentes classes sociais. O estudo focará nesse período, tendo em vista que durante o mesmo a pluralidade de segmentos sociais providenciará um campo mais farto, de acordo com as propostas dessa pesquisa, uma vez que uma das problemáticas levantadas foi a identificação de distinções sociais nesse espaço funerário.

Assim, o estudo buscou identificar elementos que permitam inferir se no mesmo período cronológico conviveram diferentes segmentos da estrutura social naquele espaço. Como o Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim foi fundado no mesmo ano que Belo Horizonte, tentou-se perceber evidências de desigualdades sociais presentes desde o início da capital, que pudessem ser encontradas materialmente expressas em suas

[16] Em 1936 foi fundado o Cemitério Israelita, localizado no bairro Jaraguá, que tinha caráter particular, destinado a um grupo específico de pessoas. A próxima necrópole publica a ser inaugurada em Belo Horizonte foi o Cemitério da Saudade, situada no bairro de mesmo nome, na periferia da cidade.

edificações mais antigas. Dessa maneira, a presente pesquisa pode contribuir para a compreensão das diferenças sociais na capital mineira desde sua origem, buscando a mapear e identificar símbolos que apontem determinadas categorias.

2.3 Das considerações teórico-metodológicas

Com a finalidade de constatar diferenças de diversas ordens nos sepultamentos do Cemitério do Bonfim, a análise será feita de acordo com os critérios já explicitados, de caráter temporal e espacial, como um sítio arqueológico passível de ser compreendido no que tange a cultura material, através das teorias e métodos da arqueologia histórica. A amostragem do sítio analisado não ignora a totalidade do mesmo, levando em conta aspectos que não apareceram nas quadras abordadas, mas ainda assim são relevantes para um entendimento mais amplo do objeto da pesquisa.

Segundo Orser, o campo pode ser definido da seguinte maneira:

> "Historical archaeology is a multidisciplinary field that shares a special relationship with the formal disciplines of anthropology and history, focuses its attention on post-prehistoric past, and seeks to understand the global nature of modern life." (ORSER; FAGAN, 1995, p.14)

Assim sendo, o método da arqueologia histórica possui um caráter multidisciplinar, pressupondo análise de fontes distintas — não só arqueológicas — para a pesquisa. Documentos históricos, iconografia, mapas, textos literários e depoimentos orais são também combinados na interpretação. O entendimento da disciplina como estudo de fenômenos globais, com características comuns e compartilhadas com o mundo moderno, se aplica ao estudo do Bonfim. A arqueologia histórica engloba assim, o estudo de sociedades e grupos sociais transformados pelo processo de expansão capitalista, sem deixar de considerar as singularidades e peculiaridades de cada contexto. (ORSER, 1992; FUNARI, 2002)

Dentro da arqueologia histórica, serão utilizados conceitos da arqueologia urbana, campo que "studies societies from any time and located at any place where concentrations of people and energy are or were present." (STASKI, 1982, p. 97). Cressey e Stephens (1982) apresentam o conceito de cidade-sítio [*city site*], que permite

estabelecer inter-relações entre os super artefatos (ruas, casas, praças, prédios, cemitérios) que compõem as cidades, entendendo-as como um sítio arqueológico. Thiesen (1999) acrescenta que é necessário situar a problemática a ser estudada na questão urbana, ou seja, pensar a cidade como cenário de fenômenos diversos e compreender a influência do próprio espaço urbano, abordando as redes de relação entre sítio e cidade. Esta, por si só, não tem o poder de criar ou gerar mudanças sociais, mas as pessoas e a *urbe* interagem em uma relação dialética de constante modificação mútua.

Essa pesquisa está inserida na arqueologia **da** cidade, que utiliza métodos e técnicas específicos para entender processos característicos da cidade, como o desenvolvimento urbano. Nessa abordagem, a cidade além de ser o palco no qual culminam vários momentos históricos, é também observada como o objeto da pesquisa.

O Cemitério será entendido como um sítio arqueológico específico, inserido em um contexto mais amplo que é o da cidade de Belo Horizonte e da sociedade mineira, de finais do século XIX, quando a capital foi implantada, até meados do século XX. O escopo dessa pesquisa, é claro, é limitado; portanto, não é possível oferecer uma análise da sociedade mineira como um todo. De tal forma, a pesquisa se concentrará centralmente na elite, associada a outras classes que se encontram representadas na necrópole. As interações entre esses espaços da cidade, como as ruas, prédios, praças, cemitérios, casas, aqui chamados de super artefatos[17], são imprescindíveis para um estudo de arqueologia urbana que busque entender as relações entre os diferentes contextos da cidade. Épocas diferentes possuem valores, técnicas e recursos diferentes ou semelhantes e, por isso, o arqueólogo tem que ter consciência do contexto a ser pesquisado, para produzir interpretações compatíveis com o mesmo. A busca de significados e lógicas tem por finalidade a compreensão do conjunto e não apenas aspectos particulares.

Assim, a arqueologia não deve separar os conceitos de tempo e espaço. Um local contém várias temporalidades e, para essa pesquisa específica, é necessário compreender a sucessão de acontecimentos que ocorreram tanto no Cemitério do Bonfim quanto no seu entorno e, num contexto mais amplo, na própria cidade de Belo Horizonte. Diferentes aspectos da cultura material podem ter tido distintos significados

[17]Cressey and Sthephens, 1982.

em outros momentos históricos, sendo necessário recuperar a rede de relações para entender a importância e significado do cemitério, bem como dos sepultamentos para a sociedade. As ferramentas da arqueologia urbana aqui empregadas presumem a relação entre os componentes da cidade, pois acredita-se que estes interagem uns com os outros. Os limites do sítio arqueológico extrapolam o local determinado para a pesquisa, já que essas relações entre os elementos que compõem a cidade podem ser uma fonte de informação sobre o entendimento do cemitério pela sociedade, uma vez que a dinâmica das relações sociedade envolvente-cemitério não se esgota no perímetro da necrópole.

O estudo das práticas e simbologias relacionadas à morte foi denominado "Arqueologia da Morte" na década de 1970, sendo inicialmente utilizado na Inglaterra e Estados Unidos. Marily Simões Ribeiro (2007) faz algumas restrições sobre a utilização dessa nomenclatura, uma vez que a arqueologia não concentra seus estudos no fenômeno físico da morte.

> Muito mais que a morte, a Arqueologia estuda os remanescentes das praticas que envolveram a morte, o funeral, os restos materiais dos atos praticados no destino escolhido para o corpo, os vestígios das opções da sociedade e da família do morto para sua memória, a simbologia que deu lógica às práticas mortuárias. (RIBEIRO, 2007, p. 19)

A autora propõe então a utilização do termo "arqueologia das práticas funerárias" considerando ser este mais abrangente e ressaltando a importância das práticas para o contexto arqueológico.

A arqueologia das práticas funerárias formulou uma noção de *persona social* do morto, que serve para explicar a diferenciação nos rituais funerários.

> Intimamente relacionada com esta concepção de estrutura social está a concepção de "personalidade social" como posição ocupada por um ser humano numa estrutura social, o complexo formado por todas suas relações com outros. (...) O ser humano como pessoa é um complexo de relacionamentos sociais. (...) Note-se também que a personalidade social é algo que muda durante o curso da vida de uma pessoa. (Radcliffe-Brown, 1973, p.238, apud. Ribeiro, 2007)

Dentre as múltiplas identidades sociais do indivíduo, algumas são selecionadas para representação do morto e a tentativa de eternizá-lo após a morte, destacando-se determinados papéis e funções, relacionados, por exemplo, à idade, sexo, profissão ou status social. O jazigo de Raul Soares, ex-governador do Estado de Minas Gerais,

expressa suas características enquanto um homem público, enquanto outros aspectos, relações familiares por exemplo, não são igualmente representados. Nesse sentido, os mortos falariam sobre os vivos, a partir da possibilidade de reconstruir a organização social com base nas identidades deduzidas do contexto funerário. Deve-se atentar para o fato de que os sepultamentos não são capazes de traduzir a totalidade das identidades desempenhadas pelos indivíduos ao longo da vida, nas mais distintas esferas cotidianas, o que torna a interpretação reduzida ao que está expresso na materialidade.

Os jazigos são percebidos como artefatos, podendo assim, permitir diferentes significados ou leituras. Segundo Johnson (2000), os elementos analisados precisam ser compreendidos em seus respectivos contextos, de forma a relacioná-los a diversos elementos do sítio, pois são as estruturas subjacentes à cultura material que lhe atribuem sentido, sendo capazes de transmitir significados não aparentes.

No cemitério do Bonfim é possível diferenciar os sepultamentos e dividi-los em três categorias: túmulos, ossários e mausoléus. Aproprio aqui as definições de Lima (1994, p.11) para essas categorias:

1- **túmulos** reúnem sepultamentos primários, de uma ou mais pessoas, em posição distendida e normalmente em caixões. Sua forma é alongada, de forma a comportar o corpo estendido. De acordo com Luis Carlos Zaidan, encarregado dos coveiros do Cemitério do Bonfim, um lote possui as dimensões de 1,5 x 2,0 m.

2- **mausoléus** comportam sepultamentos primários ou secundários[18], em caixões ou urnas, agrupando vários indivíduos de um mesmo grupo social, como família ou organização civil. Mausoléus são estruturas suntuosas, que podem ser divididos em: a) capelas, nas quais existe uma ligação religiosa, apresentando elementos representativos das crenças específicas, e b) monumentos, que são edificações nas quais essa relação entre religião e arquitetura não existe ou então está dissimulada. Os monumentos mais expressivos no Bonfim são aqueles cujos traços arquitetônicos assemelham-se aos de uma casa, exaltando valores civis do cidadão. Para se construir um mausoléu, uma família ou indivíduo deveria comprar, portanto, mais de um túmulo, tendo em vista suas grandes dimensões.

[18] Entende-se como sepultamento primário aquele que apresenta o corpo inteiro, com os ossos e demais órgãos devidamente articulados, enquanto o sepultamento secundário é aquele que apresenta ossos desarticulados e já decompostos.

3- **ossários** são os jazigos nos quais estão presentes sepultamentos secundários, ou seja, os ossos desarticulados de um ou mais indivíduos, após o processo de sepultamento. Encontram-se normalmente em urnas. O Bonfim conta com um grande ossário, que contempla os ossos de corpos exumados, cujas famílias não manifestaram interesse em destinar um novo fim àqueles restos.

Apesar de ser possível, é incomum a reforma de sepulturas, o que permite condições bastante favoráveis ao trabalho do arqueólogo, já que os túmulos serão recortes de um passado. O fato de existirem poucas transformações permite maior controle dos dados arquitetônicos e artísticos, pois esses provavelmente não foram alterados com o passar do tempo. É possível ainda ter dados pessoais e uma datação precisa, uma vez que geralmente as estruturas funerárias apresentam o ano de nascimento e de morte do falecido. As transformações mais comuns aconteceram na medida em que os locais para enterramento foram se esgotando enquanto túmulos de classes baixas, mais simples, feitos em tijolo e sem laje, foram vendidos a pessoas ricas. Essas reformas também ocorriam caso a família ascendesse socialmente e, quisesse assim, alterar a matéria prima e/ou decoração do túmulo.

O foco de análise sobre a cultura material será o seu caráter ativo, e não apenas a materialidade do objeto, mas seus conteúdos simbólicos inerentes. Além de ser fonte de informações culturais codificadas pela materialidade, os objetos transformam e são transformados pelas pessoas, embora não na mesma medida. Segundo Johnson (2000), a cultura material não é só a expressão dessa realidade física, integrando também outro universo – que a arqueologia deve buscar –, no qual são expressos os significados para além da materialidade. A ênfase no estudo dos significados entende que a realidade material é permeada por essas simbologias. É esse universo simbólico que permite fazer maiores inferências sobre determinado grupo.

O Cemitério do Bonfim é então entendido não apenas nas suas estruturas construídas, bem como se considera passível de análise sua espacialidade e relação simbólica de acordo com sua localização, ou seja, o posicionamento de uma sepultura no traçado do cemitério.

As práticas mortuárias visam reconhecer uma identidade social e exibir uma maneira particular de ser no mundo, com significados simbólicos relacionados a um estatuto ou posição. A realidade do espaço funerário é então contraditoriamente

construída pelos diferentes grupos constitutivos de uma sociedade. Os túmulos são formas institucionalizadas e objetivadas por meio das quais são representadas em instâncias coletivas ou individuais, física e perpetuamente, a existência de um indivíduo ou grupo no espaço cemiterial.

Finalmente, o presente trabalho produziu mais de 1000 fotografias durante as pesquisas de campo. Tendo em vista tamanha quantidade de material, considerei que as imagens enriqueceriam de maneira única a estrutura dessa pesquisa. O cemitério é um local imagético, com uma diversidade de esculturas, adornos, matérias primas e formatos, cuja riqueza material, muitas vezes, não consegue ser transmitida pela mera descrição não. Assim, especialmente por se tratar de uma investigação de caráter arqueológico, na qual a visualização da cultura material é de extrema importância na produção de interpretações, acredito que as fotos podem auxiliar o interlocutor a compreender o universo material – não apenas em suas características utilitárias, mas também, principalmente simbólicas – do Cemitério do Bonfim em uma perspectiva mais ampla.

Foto 07: Mapa do Cemitério do Bonfim, encontrado em frente aos velórios.

O objetivo é perceber se ao longo do período abordado ocorreram mudanças estilísticas e construtivas no objeto da pesquisa. Caso tenham acontecido, o estudo pretende interpretar a relação de mudanças que ocorreram na sociedade, com o auxílio de ferramentas da arqueologia histórica. Mudanças políticas, econômicas e sociais, dos mais diversos graus, podem interferir no âmbito da morte e as expressões últimas de indivíduos em relação à perda de seus entes.

Nas quadras definidas para o levantamento dos dados, todos os túmulos que se encontravam dentro do recorte temporal foram registrados, por meio de fotografias e anotações, para posterior análise. No momento da coleta de dados, todos os sepultamentos do período foram contemplados, sem distinção de opulência ou monumentalidade.

É importante que o estudo abranja, na medida do possível e reconhecendo as limitações de seu recorte, a totalidade e diversidade sociais, nos seus diversos grupos. Por isso, foram registrados todos os túmulos dentro dos critérios estabelecidos, já que uma análise comparativa entre as diferentes variáveis, como matéria prima, localização e adornos, poderiam questões propostas no início da pesquisa, além de outras que surgiram com o andamento da mesma.

O trabalho de campo contou com visitas ao cemitério, desde o início de 2012. Entretanto, a coleta de dados sistemática passou a ocorrer a partir de meados de 2014, quando foram definidas as principais informações a serem coletadas em cada túmulo. Acredito ser relevante registrar o nome do falecido, as datas de nascimento e morte, a presença de adornos funerários, a matéria prima do túmulo, quadra, além de eventuais observações específicas. Deve-se ressaltar que alguns casos não preenchem todos os quesitos, podendo não apresentar inscrições, símbolos, ou até mesmo estar com as datas de nascimento e falecimento danificadas, impossibilitando sua leitura.

Além de informações específicas sobre o indivíduo ou grupo familiar, o estudo buscou entender e relacionar o posicionamento das sepulturas dentro da quadra em que se encontram, como mais um fator passível de exaltar diferenças sociais. A distinção espacial dos túmulos e mausoléus se revelou também um fator distintivo, juntamente com as matérias primas, ocupação de um ou mais lotes na quadra e adornos tumulares. Esse aspecto espacial buscou entender se eles estariam posicionados em um alinhamento geral, de forma que estariam enfileirados, disposição recorrente no interior das quadras, ou voltados para as ruas. Entende-se que aqueles voltados para a rua apresentam algumas vantagens, como uma maior exposição, facilidade de acesso, o que contribuiria tanto para a perpetuação da memória tanto para a divulgação e exaltação do morto.

A arquitetura é um meio de comunicação não verbal, podendo ser utilizada como aparato que domestica e induz comportamentos, muitas vezes de forma sutil. O estudo arqueológico da arquitetura analisa os discursos presentes na materialidade que moldam

as realidades cotidianamente. A arquitetura possui um cunho ideológico que é expresso nas representações materiais. (Zarankin, 2001)

3. Dos trabalhos de campo

Numerar sepulturas e carneiros,
Reduzir carnes podres a algarismos,
Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros!
Um, dois, três, quatro, cinco… Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,
Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!
Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz ascética
Dos tábidos carneiros sepulcrais
Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,
Porque, infinita como os próprios números
A tua conta não acaba mais!

Augusto dos Anjos

A produção tumular do primeiro cemitério belorizontino não se compara a de outras necrópoles brasileiras, ricamente adornadas como o Cemitério da Consolação, em São Paulo ou o Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Tal empobrecimento do fabrico das sepulturas se deve, em grande parte, ao fato de o Bonfim ter sido o único cemitério da cidade por mais de quatro décadas, sendo o responsável por atender a toda população e, comportando assim, gostos e demandas diversificadas.

Havia a concessão de dois tipos de sepulturas. Aquelas transitórias, que ocupavam o espaço por cinco anos e depois eram desocupadas para novas inumações, não produziam construções monumentais e perenes. Sua concessão era também menos dispendiosa, estando assim associada geralmente às classes mais pobres. As estruturas suntuosas e opulentas eram construídas em jazigos perpétuos. Demonstrar que o jazigo era perpétuo parecia ser um fator importante, uma vez que mesmo os túmulos mais

simples (e ainda assim perpétuos) fazem questão de registrar esse fato na epigrafia tumular do mesmo[19].

O cemitério é um local imagético, que representa ideologias e características singulares de uma época e sociedade. O contexto de nascimento do Bonfim contempla uma reordenação no âmbito social, político e urbano. A burguesia se consolida cada vez mais como classe dominante e os espaços de enterramento são locais para a expressão de significados e sentimentos.

A cultura material expressa um tipo de comunicação, de caráter não verbal, que pode ser explicada a partir de interpretações, buscando compreendê-las em sua totalidade. Os discursos presentes na materialidade são, muitas vezes, mais claros e eficientes para transmitir uma mensagem do que a própria palavra.

3.1 Relações de gênero: o patriarcalismo e um hermafrodita no Bonfim

Determinados símbolos expressam a necessidade de identificar uma ordem ou grupo específico de pessoas, mesmo após a morte, passando a imagem de uma pessoa que quer, acima de tudo, ser reconhecida como parte integrante daquele conjunto.

Foto 08: Capela em mármore, da Congregação Franciscanas Alcantarinas

[19] Ver página 58, que apresenta o custo de cada tipo de túmulo.

O Bonfim não apresenta, em registros legais ou regulamentos, distinção espacial específica para irmandades, congregações ou confrarias. Segundo Almeida, as necrópoles oitocentistas portuguesas tinham obrigatoriamente um espaço reservado a grupos religiosos, enquanto no Bonfim estes foram distribuídos em todo o espaço, sem distinção de lugar. Todavia, existem mausoléus coletivos que integram os falecidos em um grupo, muitas vezes de caráter religioso, como no exemplo acima. Essas pessoas decidiram exaltar suas características ligadas à religião e caridade, abstendo-se de sua memória pessoal ou reconhecimento individual.

3.1.1 Morrer em família

Outro exemplo dessa vontade de pertencimento a uma unidade maior se configura nos túmulos familiares. Em muitos casos, principalmente em famílias de melhores condições financeiras, esses sepultamentos possuem uma arquitetura semelhante à de uma casa, como em uma tentativa de levar a unidade doméstica para a cidade dos mortos, perpetuando assim, os laços de sangue no ambiente funerário. O jazigo familiar abriga mais de uma pessoa e, dependendo de suas dimensões, chega a comportar todos os indivíduos da família nuclear.

Ser reconhecido através dos laços consanguíneos de uma família economicamente estável é um fator de diferenciação e prestígio social. Existe um esforço simbólico de eternizar um nome e tecer a memória do grupo familiar. Esse modelo não tem como finalidade apenas cultuar a memória dos antepassados, mas também busca uma identificação pessoal com a família, de forma a distinguí-los socialmente. De acordo com Motta:

> no túmulo de família se configurava não apenas o desejo de continuidade e de perpetuação dos laços familiares, como igualmente se exibiam, por meio de sua arquitetura, na maioria das vezes suntuosa, signos de classe, marcando, assim, a posição social do morto e de seus descendentes.(MOTTA, 2009, p. 81)

Ao evocar a ancestralidade, o túmulo familiar expressa as relações constitutivas da família. A tradição se torna um meio de consolidar no tempo, espaço e no âmbito doméstico, a expressão das experiências e atividades diferenciadoras daquele grupo, materialmente expressas nos túmulos, que passam a ser habitações familiares.

Ainda segundo Motta (2009, p.68), uma vez que os enterramentos deixam de ser realizados nas igrejas e saem do controle eclesiástico ocorre uma mudança nos padrões de comportamento em relação à morte. Essa passa a ser gerida pela família, que se encarrega de todos os preparativos do sepultamento.

Os cemitérios seculares oitocentistas, em função das políticas de salubridade ligadas ao surto de urbanização em fins do século XIX, eram alocados em espaços longe da movimentação cotidiana das cidades. Dessa maneira, distante das igrejas e residências, os mortos das elites eram confinados em túmulos que remetem, morfologicamente, às casas, além de apresentarem elementos religiosos, exibindo resquícios do comportamento prévio em relação aos enterramentos, realizados sob solo sagrado.

A disseminação das sepulturas-casas está relacionada à necessidade de se estabelecer um recinto privado dentro de um espaço público, através da compra de grandes lotes na cidade dos mortos, que ressaltam a desigualdade social.

Esses túmulos, ligados às genealogias familiares, apresentam morfologias e dimensões variadas, sendo por vezes tão complexos a ponto de serem elaboradas a partir de um minucioso projeto arquitetônico, no qual é pensado o estilo das portas, janelas e telhados dessas vivendas nos espaços funerários.

A continuidade de uma cadeia geracional é representada pela ligação dos familiares com o antepassado, de maneira que o jazigo familiar busca unir a família através de um passado comum. Todos os grupos possuem mecanismos de adoção ou exclusão de indivíduos[20], segundo Manuela Carneiro da Cunha. A inclusão dos mesmos depende da aceitação do grupo familiar, que supõe disposição em seguir os valores e traços culturais comuns àquela família. Um indivíduo que se distinguisse drasticamente em termos de identidade do seu grupo doméstico provavelmente não seria sepultado no jazigo familiar. À frente, será abordado o caso de Herculine Barbin, que ocupa um túmulo individualizado e não é relacionado a nenhum antepassado ou ligado a uma memória comum. Os sepultamentos individuais expressam a relação afetiva particular dos parentes (fosse ela boa ou ruim) com o defunto, refletindo a especificidade de cada situação. Por mais que os túmulos individualizados representem uma marcante

[20] CARNEIRO DA CUNHA, 1979.

necessidade de diferenciação, inscrevendo-se no mesmo as qualidades do morto, existe a possibilidade de a construção do túmulo individualizado representar a distância entre as relações de uma família.

Os jazigos individuais mais comuns são aqueles que abrigam os que sofreram mortes súbitas, como crianças, ou expressam o desejo de individualização e personificação de um indivíduo em seu espaço póstumo particular.

Foto 09: Inscrição em um túmulo individual, rememorando a figura de uma pessoa trabalhadora.

Os jazigos individualizados permitem ainda exaltar as características particulares do indivíduo, o que não ocorre no jazigo familiar, no qual essas qualidades únicas são suprimidas em nome da família.

O aspecto peculiar e que ressalta as construções familiares é que na maioria dos casos o túmulo é identificado a partir do patriarca e apenas dele. São comuns os jazigos que não trazem o nome, tampouco as datas de nascimento e falecimento dos outros membros da família. A identidade pessoal está subsumida nos laços de ancestralidade, mais precisamente, os do patriarca.

> O que se vê nas versões mais elaboradas desses túmulos é o desejo de unidade e continuidade que se impõe face à segmentação e dispersão depois da morte, com isso, evitando que os sepultamentos fossem realizados separadamente. Neles não importa o indivíduo isolado do seu grupo de filiação, mas o sujeito social genérico, constituído a partir da referência a um antepassado ou herança comum à qual se liga através de relações com seus ascendentes e descendentes (MOTTA, 2008, p. 111)

Dos demais membros da família são retiradas a individualidade e direito à memória em função do patriarca, de maneira que seu único registro póstumo é ter se relacionado ao provedor da família. Na medida em que os nomes dos outros mortos da

família não são expressos no túmulo familiar, apenas o nome do provedor, sua memória e importância são reafirmados e enaltecidos.

Os jazigos familiares que apresentam apenas o nome do pai da família em sua epigrafia tumular são a constante no espaço funerário do Bonfim. Existem raras exceções à regra, até mesmo nas sepulturas mais recentes. A identificação do túmulo famíliar através do patriarca revela profundas relações de gênero na sociedade brasileira, que remetem a uma disparidade histórica de poderes, ocupações e direitos entre homens e mulheres.

Foto 10: Jazigos familiares ressaltando o nome do patriarca.

Essa organização específica dos túmulos reflete com clareza a sociedade mineira, e em um contexto mais amplo a realidade brasileira[21], baseada em conceitos patriarcais e estruturada de tal forma que o homem era o detentor do poder de decisões e o centro da família, o que não era diferente no espaço funerário. Esses elementos estão presentes até nas construções mais recentes, do século XXI, de maneira que é possível afirmar que a sociedade patriarcal não se extinguiu ou teria existido somente durante o período estudado. A visão da superioridade masculina está tão enraizada na sociedade brasileira que o patriarcalismo ainda é fator estruturante das famílias, da economia e da sociedade.

[21] Para um aprofundamento na estrutura e simbologia de jazigos familiares, consultar: BORGES (2004, 2008); LIMA (1994) ; MOTTA (2009).

> Nessa época *[primeira década do século XX]*, os túmulos de família, sob forma de casas ou de capelas, já haviam conquistado os cemitérios brasileiros, obrigando muitas vezes o indivíduo a abdicar de sua própria expressão de individualidade, como perseguiam os românticos, para se integrar ao grupo familiar, sob o pretexto de solidariedade e coesão, tendo como ancoragem principal o patronímico gravado com destaque no frontispício do jazigo, pois não era mais a alma que é indestrutível, porém a família, o sobrenome. (MOTTA, 2010, pág.76)

Os cemitérios pesquisados por estudiosos brasileiros das práticas mortuárias, como Motta (2009, 2010) e Borges (2004, 2005, 2008), mostraram que o início do século XX é marcado pelo desejo de individualização através da materialidade que transmite a personificação do morto. Todavia, o túmulo construído para abrigar apenas um indivíduo e evocar suas características particulares não se firmou como tendência construtiva no Bonfim. Até 1942, período limite para o registro dos presentes dados, as construções majoritárias são aquelas que integram mais de uma pessoa, seja um mausoléu-casa suntuoso e opulento ou uma campa baixa, revestida com matéria prima de baixo custo.

O contexto belorizontino, diferindo de outros cemitérios brasileiros, aponta para a importância do núcleo familiar nesse espaço. A coesão da família influenciou as diversas esferas cotidianas, incluindo as práticas ligadas ao morrer. O *morrer em família* expressa mais que o simples enterramento de várias pessoas em uma mesma construção. Simbolicamente, é possível entender a presença e a necessidade da instituição familiar na sociedade mineira.

Tendo em vista as relações de gênero nos contextos analisados, a arqueologia é uma ferramenta pela qual se pode enfatizar o poder e o prestígio que foram negados no passado a grupos marginalizados, como – mas não somente – as mulheres, fornecendo assim uma visão menos distorcida daquela realidade[22].

É necessário compreender os jazigos familiares não apenas em seu significado simbólico mais óbvio, como um desejo de materialização dos laços sanguíneos e memória comum de um grupo, mas também como uma forma de organizar relações de gênero e reproduzi-las, até mesmo no espaço funerário após a morte.

---

[22] NELSON, Sarah Milledge. *Gender in Archaeology: analyzing power and prestige*. AltaMira Press, 1997, p. 15.

A hegemonia masculina, suportada pelo machismo tão presente e determinante dos comportamentos femininos, se faz perceber na exaltação do homem enquanto provedor da casa, pertencente às classes abastadas, uma vez que os jazigos familiares são, na maioria das vezes, túmulos que se destacam pela opulência.

O reconhecimento dessa forma de sepultamento, que valoriza a memória única e individual de um homem em detrimento do reconhecimento e lembrança dos outros membros, auxilia na desconstrução de uma visão neutra do passado. Ao recuperarmos a existência e papel da mulher, que quase nunca é identificada na fachada do mausoléu, atentamos para construção de identidades diversas, através de uma arqueologia mais democrática e pluralista.

3.1.2 O túmulo individualizado como exclusão do núcleo familiar

A quadra 18 abriga monumentos suntuosos, muitos deles em homenagem a homens públicos, políticos, soldados, ou seja, personalidades que se destacaram no contexto belorizontino em sua época. Esta é notadamente uma quadra espacialmente prestigiada, chegando a influenciar as quadras do entorno graças à proximidade das mesmas. Contraditoriamente, convivendo com algumas das mais ilustres pessoas que já habitaram a capital, encontra-se um túmulo pobre, baixo, feito de argamassa, erigido apenas alguns centímetros acima do solo. Essa sepultura contém a seguinte inscrição em sua lápide:

> “HERCULINE BARBIN,
>
> HERMARODITA DO FINAL DO
>
> SÉCULO XIX QUE DIANTE DA
>
> EXIGÊNCIA MÉDICA DE ELEGER
>
> ENTRE UM DOS SEUS SEXOS, SE
>
> SUICIDA.”

Foto 11: Hermafrodita Herculine Barbin, quadra 18.

Foucault encontrou os diários de Barbin e publicou “Herculine Barbin: Being the Recently Discovered Memoirs of a Nineteenth-century French Hermaphrodite”. A versão em língua inglesa possui uma introdução escrita pelo próprio Foucault.

Herculine foi designadx como mulher no momento de seu nascimento, tendo adotado o nome de Alexina. Quando jovem, percebeu que seu corpo entrava em conflito com sua identidade de gênero, sendo obrigadx aos 20 anos, pela família, profissionais figuras religiosas a mudar seus comportamentos e hábitos, que seriam a partir de então masculinos. O hermafroditismo – hoje denominado intersexualidade, por considerar o termo anteriormente empregado pejorativo – se configurou como um desafio aos médicos de finais do século XIX e o protocolo adotado consistia apenas em cirurgias para a remoção de um dos sexos. A realidade desses indivíduos operados era muitas vezes seguida de conflitos internos, ligados ao confronto entre o próprio corpo e a identidade de gênero, que culminavam em distúrbios psicológicos levando, por vezes, ao suicídio.

Foucault demonstra como campos da medicina, religião e direito tentaram (e muitas vezes falharam) atribuir um sexo estático à identidade de gênero:

> Brought up as a poor and deserving girl in a milieu that was almost exclusively feminine and strongly religious, Herculine Barbin, who was called Alexina by her familiars, was finally recognized as being 'truly' a young man. Obliged to make a legal change of sex after juridical proceedings and a modification of his civil status, he was incapable of adapting himself to a new identity and ultimately committed suicide. (FOUCAULT, 1980, p. 11)

O autor chama atenção à designação forçada (e falha) na identidade de Barbin. A percepção subjetiva de si próprix às vezes não é facilmente transcrita no corpo. Elx era incapaz de adaptar sua nova identidade ao seu corpo e "was one of those unfortunate heroes of the quest for identity" (FOUCAULT, 1980, p. 12)

Foucault (1980) afirma que as divisões binárias de sexo, gênero de identidades sexuais são maneiras de ordenar o mundo. Assim, já no momento do nascimento o hermafrodita é considerado uma emergência médica, cabendo a estes profissionais determinar o sexo considerado "verdadeiro", bem como as identificações de gênero.

Atualmente, indivíduos *intersex* clamam reconhecimento como tais, buscando apoio em seus pares e afirmando que o procedimento médico padrão (cirúrgico) é o responsável por causar futuros traumas psíquicos e sociais, em detrimento do discurso dos profissionais da saúde, que atribui a origem desses traumas ao corpo que possui dois sexos. Até os dias de hoje resquícios do pensamento que buscava estabelecer a identidade de gênero permanecem. Assim, as últimas décadas do século XIX foram marcadas pelo pensamento que entendia o corpo intersexual como objeto da medicina, que deveria ser cirurgicamente apagado.

Apresento aqui duas hipóteses que possivelmente explicam a presença dessa inscrição e o conteúdo da mesma. A primeira entende que esse túmulo é a materialização um caso com história semelhante, que aconteceu em Belo Horizonte em fins do século XIX. Cabe atentar para as dimensões alcançadas pelo suicídio do *intersex* francês. A notícia alcançou a capital mineira, em tempos que não contavam com as atuais facilidades de comunicação. Herculine Barbin erx um ícone que representava a condição da intersexualidade e como a sociedade lidava com essas situações, uma vez

que lhe foi impostx a necessidade de atuar no mundo de acordo com apenas um de seus sexos.

X *intersex* enterrado no Bonfim enfrentou um contexto no qual era marginalizado por seus atributos físicos. Em finais do século XIX, a conduta médica se pautava pela extirpação de um dos sexos.

A pessoa enterrada no Bonfim não é identificadx em sua lápide com seu nome. A individualização lhe é negadx, uma vez que seu direito a memória e individualização são transferidos à figura de Herculine Barbin. O que é deixado de lembrança aos posteriores é uma simplificada representação de sua condição de *intersex*. A vergonha da família diante de uma sociedade conservadora, que patologizava esse quadro, fez com que a identificação do morto lhe fosse negada.

X hermafrodita que viveu em fins do século XIX representava exatamente o contrário que aquela quadra buscava mostrar: os grandes feitos públicos, a exaltação de boas pessoas, o trabalho e a ligação familiar. Esse indivíduo à margem da sociedade, paradoxalmente divide a quadra com membros da classe dominante, com grande prestígio econômico e social.

Talvez, por ter sido um dos primeiros túmulos a serem construídos no Bonfim, esse sepultamento foi realizado na quadra 18, que à época essa ainda não tinha a importância simbólica que possui atualmente. Dificilmente, se a quadra já fosse destinada para personagens ilustres da história mineira, esse sepultamento teria ocorrido nesse espaço.

A marginalização sofrida foi tamanha de forma a ser eternizada na lápide, explicando que a moral do período determinava a exigência médica para se escolher um dos sexos. Esse sepultamento é um dos que melhor nos permite aceder às percepções, desejos coletivos e aspectos da visão de mundo em determinada época.

A moral não concebia a existência dx hermafrodita que não optasse pela adoção, física e cultural, de um dos seus sexos. A visão binária de sexo e identidade de gênero exige que x hermafrodita seja designado como menino ou menina, logo após seu nascimento. O não reconhecimento de um indivíduo *intersex* por si só obrigava a família a escolher entre as categorias de masculino x feminino, uma vez que não era

facultada a existência como *intersex*, condição que assim que possível era extirpada do corpo.

A intersexualidade era um critério determinante para exclusão social. Utilizando o passado como uma ferramenta para construção de ações sociais no presente, uma arqueologia emancipatória pode ser o antídoto contra amnésias sociais, devolvendo a indivíduos socialmente excluídos seu devido reconhecimento e respeito. A negação de identidades mistas e, no caso do hermafroditismo corpos mistos também, ocorre há no mínimo três séculos, procurando facilitar a organização do mundo em dualidades opostas e contrastantes.

O morto é relacionado ao nome de Herculine Barbin, que é utilizado como um pseudônimo por vergonha familiar. Observa-se que em fins do século XIX e início do século XX os túmulos familiares são os mais comuns, mas este foi isolado. Ele não foi agregado a nenhum núcleo familiar, como se a família recusasse aqueles laços de parentesco, de modo que foram ocultados na materialidade do sepultamento.

A outra hipótese entende que a lápide pode ter sido apenas uma homenagem ao verdadeiro personagem, o *intersex* francês. Uma vez que a epigrafia tumular não precisa condizer obrigatoriamente com a realidade, a mensagem desse túmulo não necessariamente contém um indivíduo *intersex* que se suicidou no final do século XIX. Contribui para suportar essa ideia, o fato de a estruturação da frase não condizer com uma linguagem arcaica, de mais de cem anos atrás. Ainda que o sepultamento não abrigue alguém com a condição similar à de Herculine Barbin, a presença dessa lápide é bastante peculiar, pois atenta para a marginalização e suas consequências, exprimindo a repressão social enfrentada por essas pessoas.

Vale ressaltar que as publicações a respeito do presente cemitério, sejam artigos acadêmicos ou o inventário de sepulturas realizado pelo IEPHA-MG (2010)[23] não fazem nenhuma alusão a esse túmulo, embora citem a mesma meia dúzia de túmulos "famosos", de políticos ou figuras públicas/religiosas. Em relação ao trabalho realizado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico, cabe discutir os critérios utilizados para composição do inventário, pautados na prevalência das construções

[23] Relatório Final de Pesquisa de Inventário do Acervo de Estruturas Arquitetônicas e Bens Integrados do Cemitério do Bonfim – Belo Horizonte, IEPHA-MG, 2010. Disponível em: http://www-antigo.mpmg.mp.br/portal/public/interno/arquivo/id/22622 (Acesso dia 30/09/2014).

suntuosas, singulares, com expressividade artística, planejadas por oficinas famosas à época. A sepultura desse hermafrodita é capaz de nos informar consideravelmente mais do que alguns túmulos que só foram inventariados por serem monumentais, uma vez que é um recorte da moral da época, possibilitando aceder à rejeição social sofrida pelos hermafroditas, às práticas médicas, bem como a moral vigente no período. Todavia, é o patrimônio ligado às elites é aquele que vem sendo registrado. Nesse sentido se revela o melhor potencial explanatório da arqueologia, que a distingue de campos afins, como a história: dar visibilidade histórica e social àqueles que foram marginalizados, esquecidos pela narrativa e documentos oficiais.

A ocorrência de um sepultamento como este no Bonfim é significativa na medida em que materializa a existência de um indivíduo cuja norma é o esquecimento. Esse túmulo traz a discussão do tratamento dado aos hermafroditas do cenário europeu, inserindo-a na recém fundada Belo Horizonte.

Finalmente, em ambos os cenários possíveis, entende-se que o suicídio é a denúncia de um conjunto de ações de ordem médica, religiosa e social, que são incapazes de compreender a complexidade do corpo e das identidades de gênero.

3.2 Adornos funerários na era da reprodutibilidade técnica

Sob o olhar arqueológico, que preza a materialidade, foram observados os símbolos presentes e se havia associações recorrentes. A presença majoritária de alguns adornos funerários permite inferências sobre a sociedade em questão, bem como a reapropriação de símbolos e ressignificação dos mesmos pode ser uma fonte com alto poder informativo. Não acredito que o uso das mesmas esculturas, modelos de túmulos, ou adornos semelhantes indiquem um compartilhamento de visões de mundo. Nesse caso, as recorrências estéticas nos sepultamentos apontam para uma produção em série nas marmorarias. Marcelina Almeida explica que desde os primeiros ateliês havia uma gama de opções já pronta com diversos modelos, para escolha do cliente:

> O contratante dos serviços das oficinas baseava suas escolhas em catálogos próprios do acervo das empresas, podendo também, determinar acerca do que deveria ser trabalhado no túmulo. (ALMEIDA, 2007, p. 183)

A fotografia abaixo demonstra um exemplo dessa recorrência de esculturas idênticas no cemitério, com uma escultura de Jesus batendo em uma porta. Essas são muitas vezes produzidas até por oficinas diferentes, apesar de nesse caso não ter sido possível identificar a marmoraria responsável pela fabricação das peças.

Foto 12: Exemplo da produção de esculturas em série

A estandardização é um dos conceitos chaves e definidores do Mundo Moderno, representada nesse caso, pelo declínio da singularidade nas obras de arte. Segundo Walter Benjamin (1985) a era de reprodutibilidade técnica altera a produção única pela produção em série e, com isso, a relação do homem com a arte é inevitavelmente modificada. O Bonfim, que inicialmente continha obras únicas de imigrantes que trouxeram o ofício artesanal do trabalho em mármore e outras pedras para o Brasil, passou a se tornar um espaço denso, repleto de adornos funerários semelhantes ou idênticos.

A aura[24] da obra de arte está intrinsicamente ligada com sua função ritual: “por outras palavras: o valor singular da obra de arte "autêntica" tem o seu fundamento no ritual em que adquiriu o seu valor de uso original e primeiro.” (BENJAMIN, 1985, p. 6)

Dessa maneira, na medida em que os ornamentos funerários são cada vez mais padronizados, altera-se a relação das pessoas com o cemitério. O Bonfim, que nas suas primeiras décadas possuía como destaque obras ímpares, manifestando uma diversidade de correntes artísticas, atualmente conta com mais esculturas semelhantes do que aquelas únicas. Talvez, por essa razão, as necrópoles que foram e vem sendo inseridas paulatinamente no roteiro turístico[25] de diversas cidades são aquelas oitocentistas (como o Pére-Lachaise, em Paris, e a Recoleta, em Buenos Aires) pouco ou menos afetadas pela produção em massa, apresentando assim uma diversidade de túmulos e adornos singulares consideravelmente maior do que se pode perceber no cemitério belorizontino.

3.3 Quando a morte se apressa: os sepultamentos de crianças

Alguns tipos de sepultamento, como o de crianças, na maioria das vezes apresenta um tema decorativo comum. A quadra 03 foi também analisada nessa pesquisa pelo seu caráter *sui generis*, capaz de fornecer um universo de informações particulares, uma vez que inicialmente havia uma restrição de idade e nela eram realizados somente enterramentos de crianças.

No contexto da construção de Belo Horizonte, carregado de significados políticos e simbólicos, a ordenação espacial era um fator essencial para que a cidade dos mortos fosse organizada. A racionalização do espaço é um símbolo da modernidade e expressa a ideologia desse período. O Cemitério Provisório, responsável por atender as necessidades da nascente capital durante o período em que o Bonfim era construído, já

[24] Utilizo aqui a definição de Benjamin para aura: "a manifestação única de uma lonjura, por mais próxima que esteja mais não representa do que a formulação do valor de culto da obra de arte, em categorias da percepção espacial e temporal. Lonjura é o oposto de proximidade. A lonjura essencial é a inacessível. De facto, a inacessibilidade é uma qualidade primordial da imagem de culto. Pela sua própria natureza, mantém-se longe, por mais próxima que esteja. A proximidade propiciada pela sua matéria não afecta a lonjura que mantém depois da sua manifestação”. (BENJAMIN, 1985, p. 6-7)

[25] A Prefeitura de Belo Horizonte realiza desde 2012 visitas guiadas mensais ao cemitério do Bonfim, buscando inseri-lo no roteiro cultural da cidade. As visitas contam com um número limitado de vagas, que estão sempre completamente preenchidas.

contava com a rígida divisão dos sepultamentos, separados de acordo com critérios de gênero e idade.

Com o passar do tempo e a revenda de jazigos provisórios, a quadra 03 deixou de conter apenas sepultamentos infantis, o que explica a situação atual de aproximadamente apenas metade dos enterramentos nesse espaço pertencerem às crianças.

Creio que ao me apropriar do maior leque de ferramentas teórico-metodológicas que a disciplina fornece seja possível aceder a diferentes dimensões da estrutura social, produzindo interpretações que se aproximem mais da realidade de determinado objeto de estudo. Busquei uma interpretação baseada nos conceitos da arqueologia sensorial ao descrever a quadra 03, já que a mesma despertou sensações tão diferentes em mim. Todavia, essa é apenas uma experiência de abordagem teórico metodológica nessa quadra específica, uma vez que a pesquisa não segue essa linha em todos os jazigos analisados. De acordo com Pellini, "grupos humanos reconhecem seu aparato sensorial de acordo com o contexto cultural no qual estão inseridos, criando e mudando sentidos, criando e alterando hierarquias sensoriais" (PELLINI, 2011, p. 19)

Nessa quadra, o caráter misterioso e mórbido da morte se revelou. Observando essa variedade de túmulos de pessoas que tiveram suas vidas ceifadas tão cedo, tive sensações diferentes daquelas vivenciadas ao percorrer as demais ruas do cemitério. Uma vez que nossa percepção sensorial do mundo é culturalmente determinada (além da mera fisiologia dos cinco sentidos), entendi que essa reação díspar se deve estritamente a um aspecto cultural. Nossa sociedade aceita com muito mais dificuldade a morte de um ser humano com meses ou poucos anos de vida. Diante dessa visão de mundo, me encontrei particularmente abalada ao fotografar e tomar nota de túmulos tão pequenos, em lotes visivelmente menores do que de costume.

Somos culturalmente determinados a aceitar ou refutar aspectos de nossa vivência cotidiana, de forma que a realidade que experienciamos é uma interpretação advinda a partir do que assimilamos sensorialmente. Ao traduzir em palavras a experiência sensorial específica em relação aos túmulos infantis, procurei expandir a compreensão do sítio, especialmente para entender os rituais funerários e o comportamento dos presentes no mesmo. Ao me sensibilizar de uma maneira diferente quando analisando os sepultamentos infantis, busquei imaginar os sentimentos

despertados nos familiares e amigos dessas crianças e atentei para expressão da saudade, dor e desalento, perceptíveis a partir das esculturas e mensagens deixadas nas lápides.

Foto 13: Expressões de desespero e desalento frente à morte.

Não é esperada a morte de uma criança, que possui ainda toda uma vida pela frente.

> A morte é difícil de perceber de uma forma geral, mas quando acontece repentinamente, desorganiza a alma. Alguém que de repente deixa de respirar conosco, deixa de existir ao mesmo tempo que nós, deixa de ser e que ainda ontem era. (....) É curioso como a verdade está nesta nossa construção do mundo, nesta capacidade de o pensarmos e sentirmos. (...) Até conseguimos perceber que um corpo desapareça,

> mas a alma, a identidade da pessoa, essa parece ser grande demais para acabar.[26] (MORGADO, 2011, p. 81)

Os adornos desses pequenos jazigos possuem, geralmente, uma expressão facial que traduz a dor dos que ficaram. As palavras inscritas nas mais diversas matérias-primas ressaltam a saudade e a injustiça perante a morte tão prematura.

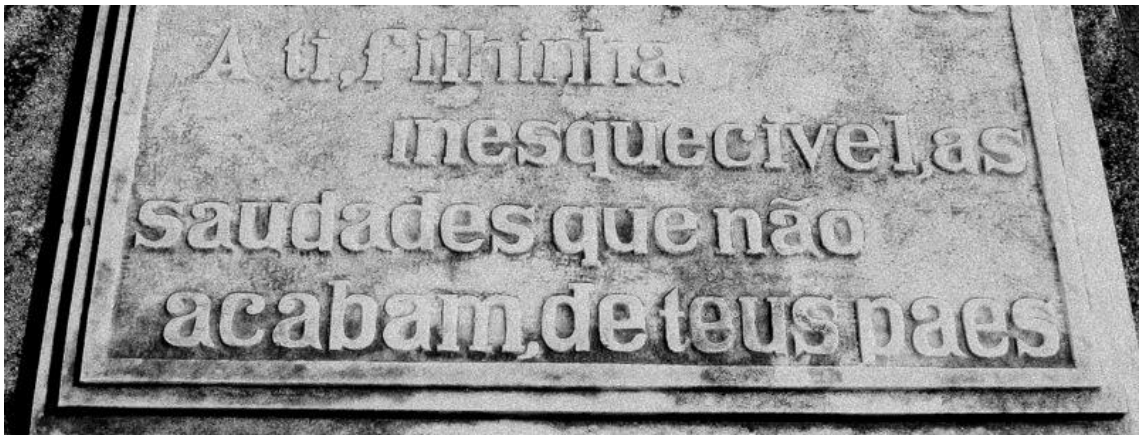

Foto 14: Inscrição em sepultamento infantil.

Uma vez no campo da sensorialidade, cabe ressaltar a influência do clima nas minhas percepções dos sepultamentos. Os trabalhos de campo ocorreram durante as situações mais diversas, em dias nublados, chuvosos, frios e quentes. Quanto aos túmulos de adultos, o clima em nada mudou minha percepção. Porém, ao observar as construções destinadas aos pequenos, o calor aliviava brevemente o sentimento de angústia. Em todas as outras situações, os sentimentos de desconforto, ansiedade e aflição eram potencializados pelo cinzento e frio dia.

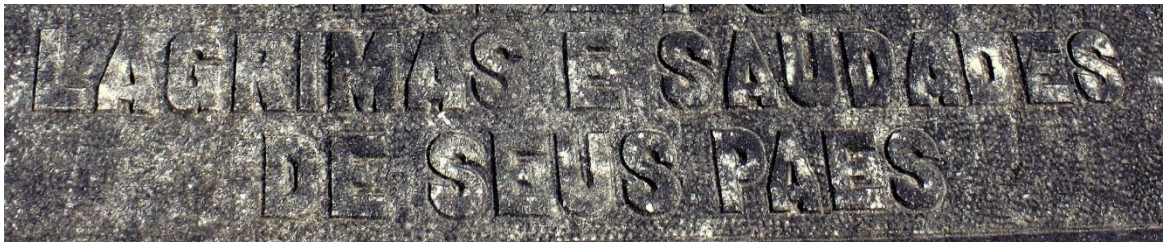

Foto 15: Lágrimas e saudades de seus paes.

As esculturas de anjos com as mãos em súplica ou oração são frequentes. Os anjos são o elemento que compõem grande parte de tais sepulturas, buscando através dessa figura, transmitir características dos miúdos. Essa frequente associação não é aleatória, posto que as representações angelicais comunicam pela materialidade a mensagem simbólica a ser eternizada: que as crianças são dóceis, amáveis, imaculadas,

[26] Trecho do livro "Por Acaso: casos de vida, casos de morte", da psicóloga portuguesa Lara Morgado.

de fato, angelicais. A súplica é entendida como uma forma objetiva de transmitir um pedido, oração e prece pelos indivíduos falecidos.

Foto 16: Anjos em súplica/oração, elemento predominante no adorno de sepulturas infantis.

As esculturas de meninos e meninas também são expressivas e geralmente possuem expressões faciais tranquilas e serenas. Imagina-se que essas esculturas tenham o intuito de transmitir algumas das características físicas do falecido, e com isso, evitar que aquela fisionomia se olvide, perpetuando-a na pedra.

Foto 17: Esculturas representando a fisionomia infantil.

"Imaculado(a)" é um termo recorrente dentre as palavras utilizadas para caracterizar os pequenos mortos, ou seja, era uma qualidade importante a ser ressaltada. A criança imaculada é aquela sem pecados, pura, que não possui manchas em sua alma. A presença expressiva desse vocábulo nas sepulturas indica como era respeitável aquele que agisse de acordo com as virtudes em voga no período. É marcado de modo visível e perpétuo um estatuto de pureza diante da sociedade, o que permite aceder às concepções morais do início do século XX.

Foto 18: Lápide de uma criança: "Morrendo, filha adorada, para o mundo e para os teus, tu viveste, immaculada, para o céo e para Deus".

Dentre os túmulos infantis, observei uma preponderância entre aqueles construídos até as duas primeiras décadas do cemitério. Os sepultamentos após esse período tem menor expressividade em relação aos primeiros. Pode-se pensar que as medidas higienistas surtiram algum efeito e diminuíram a mortalidade infantil. As políticas de saúde pública já eram entendidas, no início do século, como importantes medidas que cabiam às autoridades públicas.

Na primeira metade do século XIX, em 1839, foi criada a primeira escola de farmácia do país, em Ouro Preto, a menos de 100 km da capital. A formação de farmacêuticos com certeza influiu para a disseminação do conhecimento médico e a diminuição de algumas doenças, inclusive que acometem especificamente crianças. Já no início do século XX, a medicina brasileira sofre influência internacional, com a entrada de vários laboratórios no Brasil.

Os sepultamentos de crianças permitem dar visibilidade a um grupo que é pouco contemplado nas pesquisas arqueológicas. O registro arqueológico, na maioria dos casos, é composto por vestígios produzidos ou utilizados por adultos. Os jazigos destinados a crianças, apesar de não terem sido fabricados pelas mesmas, expressam um

simbolismo característico do mundo infantil. As palavras que as descrevem são também quase sempre consoantes, ressaltando qualidades comuns.

3.4 A materialização de afiliações religiosas no espaço funerário

A prevalência dos símbolos cristãos no Bonfim foi um fato que me chamou atenção, uma vez que se esperava, ao início da pesquisa, encontrar outros símbolos que caracterizassem diferentes religiões. Isso, no entanto, não ocorreu pelo menos nas quadras pesquisadas.

Contudo, foram registrados alguns túmulos que não continham alusões a quaisquer símbolos religiosos, apresentando uma superfície lisa, sem adornos, apenas com inscrições na pedra.

O Bonfim, um cemitério secular, foi criado com o intuito de receber sepultamentos de pessoas de todas as religiões. Sua inauguração rompeu com os padrões prévios de enterramento, nos quais somente os indivíduos de religião católica eram autorizados a integrarem o espaço funerário dentro ou próximo às igrejas.

Apesar de sua orientação laica, observa-se que durante as primeiras quatro décadas de funcionamento, as pessoas sepultadas no Bonfim professavam o catolicismo. A religião se configura como instrumento de apoio para suportar a dor da perda, e é assim expressa de diversas maneiras através de esculturas, imagens sacras e expressões nas lápides.

Em alguns cemitérios cariocas pesquisados por Tania Andrade Lima (1994), os símbolos sagrados e profanos se misturam. Os cemitérios secularizados são uma instituição moderna, que permitem o convívio de indivíduos de religiões diversas. No Bonfim, essa confluência de símbolos ligados a diferentes religiões não ocorre dentro da área registrada.

Foto 19: Figuras humanas apoiadas na cruz, elemento cristão.

A cruz é, definitivamente, o símbolo mais recorrente, nas mais variadas formas e tamanhos. As imagens de santos são também elementos bastante comuns.

Quando o túmulo é adornado por símbolos profanos, procura-se eternizar os valores civis do cidadão. Os símbolos religiosos, por sua vez, buscam provar o grau de fé do indivíduo. Dado que a quase totalidade dos sepultamentos possui não somente símbolos religiosos, como cristãos, entende-se a importância e influencia dessa instituição na vida cotidiana dos belorizontinos. O sentimento religioso é aflorado quando se lida com a morte, de maneira que as famílias buscam evidenciar para a sociedade suas crenças.

Os túmulos registrados que não tinham símbolos cristãos tampouco possuíam quaisquer alusões a outros símbolos religiosos, o que reforça e reitera a influência cristã na capital mineira.

A fé está, portanto, intimamente ligada ao cenário da morte. As referências a Deus ocorrem na epigrafia tumular, em adornos e em esculturas. As imagens sacras são também recorrentes a ponto de serem produzidas em série por marmoarias

especializadas. As obras exclusivas, feitas por um artista reconhecido, também se fazem notar, contando com a assinatura do mesmo e sendo mais um elemento diferenciador.

Foto 20: Inscrições lapidares que revelam a influência religiosa.

As representações religiosas não podem ser entendidas apenas por sua conotação utilitária, sendo consideradas apenas adornos ou ornamentos, que têm por finalidade o embelezamento do jazigo. Elas possuem também uma esfera simbólica, que transmite a ligação com espiritualidade, por vezes atuando como um amuleto dos que se foram. Esses adornos funerários podem significar uma proteção após a morte.

3.5 Os bons e maus lugares: ordenação social como fator distintivo

O local demonstra através de sua espacialidade a ideia extremamente difundida de demarcação e organização social e suas implicações em um sentido simbólico além de puramente utilitário, na medida em que existe uma gradação hierárquica entre o centro e a periferia do cemitério. De acordo com Da Matta (1985, p. 27), "... nas cidades brasileiras, a demarcação espacial (e social) se faz sempre no sentido de uma gradação, ou hierarquia, entre centro e periferia, dentro e fora". O centro considerado aqui não é necessariamente o centro geográfico do local, mas o centro simbólico, que acumula as decisões e onde se concentra o poder. No Bonfim, esses locais privilegiados estão situados próximos à praça central, no cruzamento das duas avenidas, e também nas adjacências do Necrotério.

A disposição das sepulturas não é, de forma alguma, aleatória e representa valores que estão presentes na sociedade que as edificou. Conforme maior a distância do centro do cemitério, das principais alamedas e do Necrotério, o espaço tende a abrigar túmulos notadamente mais simples, se considerarmos os materiais utilizados na construção dos mesmos e a presença ou não de monumentos, bem como de adornos funerários.

As quadras situadas nas laterais da necrópole, próxima aos muros e longe do centro simbólico, contém jazigos que se encontram dispostos a distâncias mínimas dos túmulos adjacentes. Para se alcançar um sepultamento que se encontra no meio de determinada quadra, é necessário caminhar pelas construções situadas nas periferias, promovendo uma exposição consideravelmente mais alta àqueles túmulos que estão situados nos limites das quadras, geralmente virados para as ruas. Uma vez que a forma de se locomover é limitada no interior das quadras as pessoas são levadas a utilizar determinados caminhos, preferencialmente pelas laterais, passando pelos túmulos situados na borda das quadras. Ao compreender o interior de uma quadra como um espaço fechado, este condiciona o comportamento das pessoas. A disposição e a organização espacial dos jazigos são elementos ativos que se relacionam dinamicamente com os indivíduos, de forma a privilegiar este ou aquele caminho.

A topografia do local é também uma variável a ser considerada como fator distintivo dos túmulos. Os sepultamentos mais pomposos e adornados se encontram em uma parte relativamente plana do cemitério, enquanto os mais simples localizam-se em um terreno notadamente mais inclinado.

Quanto mais afastado desse centro simbólico que concentra a maioria dos túmulos suntuosos, maior é a dificuldade de acesso aos outros sepultamentos. Através de conceitos da arqueologia da arquitetura é perceptível que a estruturação do espaço limita e condiciona o deslocamento nas quadras do Bonfim. Na quadra 18, que abriga políticos, militares e outras personalidades da história mineira, há um cuidado maior para manter uma distância entre os túmulos mais vistosos, ainda que seja possível notar que o espaço ao redor de alguns sepultamentos foi reduzido com o passar dos anos, para que a quadra abarcasse mais túmulos. Esses túmulos de maiores dimensões, que compreendem segmentos da elite, têm seu acesso facilitado, de maneira que a memória do morto esteja sempre facilmente acessível. Mesmo em quadras relativamente centrais

no cemitério, existe a dificuldade de se alcançar alguns sepultamentos. São vários os locais em que a distância entre os enterramentos não ultrapassa 10 centímetros, fazendo com que seja quase impossível a aproximação a alguns túmulos que se encontram no centro das respectivas quadras.

A imagem abaixo é uma foto de satélite do Google Earth, que demonstra a diferença entre a disposição dos sepultamentos entre as quadras 18 e 05. A quadra 18, que conta com importantes políticos e militares, possui um espaço de circulação bem maior se comparada à quadra adjacente. Na quadra 05, os túmulos foram construídos de maneira a abrigar o máximo de sepultamentos no espaço determinado para a mesma. Em uma experiência empírica, comparando as quadras 18 e 05, foram contados quantos túmulos havia desde o exterior das quadras até aproximadamente a metade das mesmas. Esse espaço, na quadra 18, abrigou 5 sepultamentos, enquanto naquela contígua havia 9 enterramentos.

Foto 21: Detalhe de imagem de satélite, ressaltando as diferenças da organização espacial entre as quadras 05 e 18. Fonte: © 2007 Google; SIO, NOAA, U.S. Navy, NGA, GEBCO; © 2013 Maplink/Tele Atlas; © 2013 DigitalGlobe.

A arquitetura, como já referido, é um importante instrumento para expressar ideologias de poder e manutenção social. Nesse exemplo, a quadra dos “ilustres” personagens mineiros é facilmente percorrível, de maneira que se pode observar e admirar as construções funerárias nela existentes sem grandes dificuldades. A perpetuação de um nome e da memória relacionada a ele é facilitado, utilizando o

espaço físico como estratégia, uma vez que o mesmo é um facilitador da aproximação entre pessoas e sepultamentos.

Na esteira do pensamento foucaultiano, o estudo do funcionamento de qualquer sociedade implica de maneira explícita na análise das relações de poder. A partir da ordem de distribuição do espaço percebe-se uma escala hierárquica entre os indivíduos. O discurso presente na diferença entre a organização social das quadras referidas acima explicita a materialização das relações sociais — assimétricas e segmentadas — através de aparatos arquitetônicos. Assim, a arquitetura é uma ferramenta capaz de atender os gostos e necessidades de uma classe específica, burguesa, ao mesmo tempo em que condiciona a locomoção de determinada maneira.

Foi observado durante o trabalho de campo que aqueles túmulos que se localizam na periferia do cemitério são mais simples, apresentando menos adornos, poucas esculturas e matéria-prima menos dispendiosa. Já aqueles que se encontram no entorno do Necrotério, bem como nas alamedas principais, geralmente são mausoléus, projetados geralmente para mais de uma pessoa, apresentando estruturas monumentais, muitas vezes com a presença de esculturas, além da utilização de matérias primas caras, como o granito. Os sepultamentos periféricos geralmente não demandam grande investimento no acabamento do túmulo, sendo o mesmo construído em alvenaria (pintada ou não) ou revestido com materiais pouco dispendiosos, como a ardósia.

Marcelina Almeida[27] cita a variação dos preços dos jazigos de acordo com algumas variáveis:

No Regulamento do Cemitério Municipal de Belo Horizonte, o Capítulo VI "Das Rendas do Cemitério", estabelece a tabela dos preços dos sepultamentos:	
Sepulturas rasas para adultos	8$000
Sepulturas rasas para anjos	5$000
Sepulturas em carneiras por 5 annos Para adultos	50$000
Para menores até 12 annos desde que o caixão tenha 1,50m	30$000
Sepulturas perpetuas em carneiras	300$000
Sepulturas perpetuas até 4 adquiridas para uma só família	1:000$000
Terrenos para mausoleos, acquisição perpetua por metro quadrado	200$000

[27] Fonte: Decreto nº. 1368 de 05 de março de 1900. Regulamento do Cemitério (...) p.8, *apud.* ALMEIDA, 2007, p. 169.

De acordo com o Regulamento do Cemitério, de 1900, é possível perceber que as distinções precedem a materialização dos jazigos, começando já na escolha do tipo de sepultura. Os dados acima ajudam a compreender a dimensão econômica relacionada à edificação dos jazigos, sendo de fundamental importância para perceber a convivência no mesmo espaço funerário de famílias consideravelmente distantes em termos de recursos disponíveis a serem dispendidos com os sepultamentos. Vale citar que o preço de um único metro quadrado do terreno mais caro é 25 vezes maior do que a sepultura mais barata. Pensando que um mausoléu não possui menos que $2m^2$, este seria pelo menos 50 vezes mais dispendioso do que aquele terreno mais barato.

Cabe também ressaltar que o espaço destinado às crianças é denominado, em documento oficial, de "sepulturas rasas para **anjos**". A relação entre esse elemento decorativo e as crianças era quase automática, uma vez que se encontra muito presente no espaço funerário, como já exposto.

A ideologia arquitetônica do meio cemiterial, por meio de construções imbuídas de intencionalidade, cuidadosamente planejadas, evidencia o controle do espaço fúnebre, reproduzindo dessa maneira ideologias presentes na sociedade.

O primeiro sepultamento registrado no cemitério, localizado na quadra 05, data do ano de sua inauguração, 1897. Nesta data, o túmulo figurava espaçosamente no centro da quadra. Uma vez que a cidade é um fenômeno dinâmico, em mudança constante, este enterramento primário foi paulatinamente sendo rodeado pelos jazigos que estavam por vir. Foi construído no centro da quadra, ladeado por espaços livres que permitiam alcançá-lo. Ao longo do tempo, a quadra foi se transformando e recebendo túmulos cada vez mais próximos entre si. Atualmente, é impossível alcançar este sepultamento sem passar sobre outros túmulos, o que demonstra que o espaço mínimo entre os sepultamentos não foi respeitado, certamente por interesses econômicos. Uma vez que as distâncias mínimas entre os jazigos não são regulamentadas, a administração do cemitério procura vender o maior número de túmulos em determinado espaço, obtendo assim, o máximo de lucro possível.

Tal enterramento data de 08 de fevereiro de 1897 e abriga o corpo de Berthe Adele Thereze de Jaegher, filha do artesão João Amadeu Mucchiut[28]. Segundo Almeida (2007), Mucchiut era um imigrante austríaco, que possuía famosa oficina na capital, ralizando trabalhos em mármore, gesso e bronze. Sobre o artista:

> Não se sabe ao certo quando imigrou para o Brasil, mas desde a inauguração da cidade já se tem notícia de sua atuação, tendo realizado diversos trabalhos na cidade, dentre eles a decoração do altar-mor da Matriz de São José (1929), a fachada da Basílica de Nossa Senhora de Lourdes (1916/1922), a porta principal do antigo prédio dos Correios e Telégrafos (já demolido) e o Palacete Borges da Costa (atual Academia Mineira de Letras). (Almeida, 2007, p. 211-212).

O sepultamento pensado para sua filha é cercado por uma grade média e possui uma árvore e uma lápide com as informações da falecida, além de uma mensagem de seus familiares. A árvore representa uma impregnação naturalista, afastando o imaginário mórbido de um cemitério e buscando assim transformar o local em um espaço mais agradável para o repouso do morto.

Foto 22: Primeiro sepultamento realizado no Cemitério do Bonfim, em 1897.

[28] Fonte: Entrevista do Administrador do Cemitério do Bonfim, Francisnaldo Pimenta. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fmQYhoSuKSU (Acesso dia 31/10/2014).

Além de se destacar pelo tamanho (esse sepultamento é consideravelmente maior do que os que o cercam. Na foto 22 pode-se perceber que o lado da grade perimetral é maior que os dois túmulos à sua frente.), que fornece maior visibilidade, cabe observar o significado da presença da grade em torno do túmulo. Em um contexto de ascensão e consolidação da burguesia enquanto elite dominante, a propriedade privada era um aspecto caro e representativo do status social e econômico recém adquirido. A cerca é um artefato que pode ser entendido como uma categoria discursiva, representando o pensamento daquela pessoa ou de seus familiares. A cerca possui agência e participa da vida social, excluindo os "outros" daquele espaço.

As grades ou muros são artefatos pensados e construídos com uma finalidade, representando um desejo de seus usuários se separarem dos demais. Estes artefatos representam limites que restringem materialmente o espaço de cada um, criando uma barreira física entre um túmulo e aqueles que o cercam. A segregação, expressa pela grade que delimita o que é público e o que é privado, bem como o desejo de visibilidade e construção de espaços fechados são características da arquitetura capitalista, contexto no qual se insere a ascensão da burguesia. Tal dispositivo internaliza ideologias presentes na sociedade capitalista, reproduzindo-as na prática. Nesse sentido, a cultura material é capaz de demonstrar como as pessoas constroem suas identidades e de que maneira os vestígios sobre as relações sociais. (Zarankin, 2012)

Segmentos da elite se valem desse artifício para reiterar sua inserção na hierarquia social, contribuindo dessa maneira, para evidenciar as assimetrias e relações de poder presentes na sociedade. O túmulo é entendido como um patrimônio da família, bem como um terreno, uma casa ou um carro, e como tal, deve ser demarcado. O espaço que abriga esses mausoléus na maioria das vezes não possui apenas um lote, de maneira que o tamanho do local construído é um diferenciador visualmente impactante limitado à família.

As grades e muros são um reflexo das construções urbanas que também utilizam esses instrumentos como forma de segregação social. A comparação com a ocorrência de estruturas delimitadoras da propriedade privada nas cidades naturaliza a existência de barreiras físicas em alguns jazigos nos cemitérios. Todavia, no âmbito funerário a construção de tais aparatos segregadores não pode ser justificada com o fim de proteger a família, contra criminalidade, vandalismo, dentre outros. O Bonfim conta com guardas

municipais que patrulham o local diariamente e mesmo que aconteçam furtos de adornos funerários, cercas baixas a da foto anterior e na subsequente mostram que elas não seriam impedimento para roubos. Esses elementos são vistos como naturais e sua existência não é estranhada, mas em um cemitério não apresentam função utilitária, sendo carregados de significados subjacentes que buscam perpetuar a desigual hierarquia social.

Com o pretexto de serem ornamentos ao redor dos jazigos, as grades se tornaram corriqueiras no espaço cemiterial, a ponto de naturalizar o discurso de exclusão do outro. Esse limite físico tem o papel de lembrar aos transeuntes a ordenação social, uma vez que afasta, física e simbolicamente, o restante dos sepultamentos. (Zarankin, 2012)

Dessa maneira, as cercas, grades e muros que cercam os túmulos individuais ou familiares tem só uma função: de segregar o(s) morto(s) e, com isso, aumentar as distancias sociais. Zarankin, ao perceber os muros de casas de elite, na Pampulha, Belo Horizonte, como representações do corpo humano, entende que esse grupo social está "dando as costas" aos diferentes, separando-se e distinguindo-se deles.

É interessante analisar também a orientação dos jazigos no interior da quadra. Aqueles que se encontram nas extremidades geralmente não seguem a organização padrão dos túmulos que estão no interior do bloco, estando assim organizados de forma a se direcionarem para as avenidas ou alamedas. Já aqueles no interior das quadras estão orientados em uma linha imaginária que liga as marginais. Os enterramentos nas laterais estão orientados para as ruas para oferecer uma maior visibilidade aos mesmos, bem como facilidade de acesso. Eles não dependiam de uma distância razoável entre os túmulos para que pudessem ser acessados, já que poderiam ser alcançados pelas ruas.

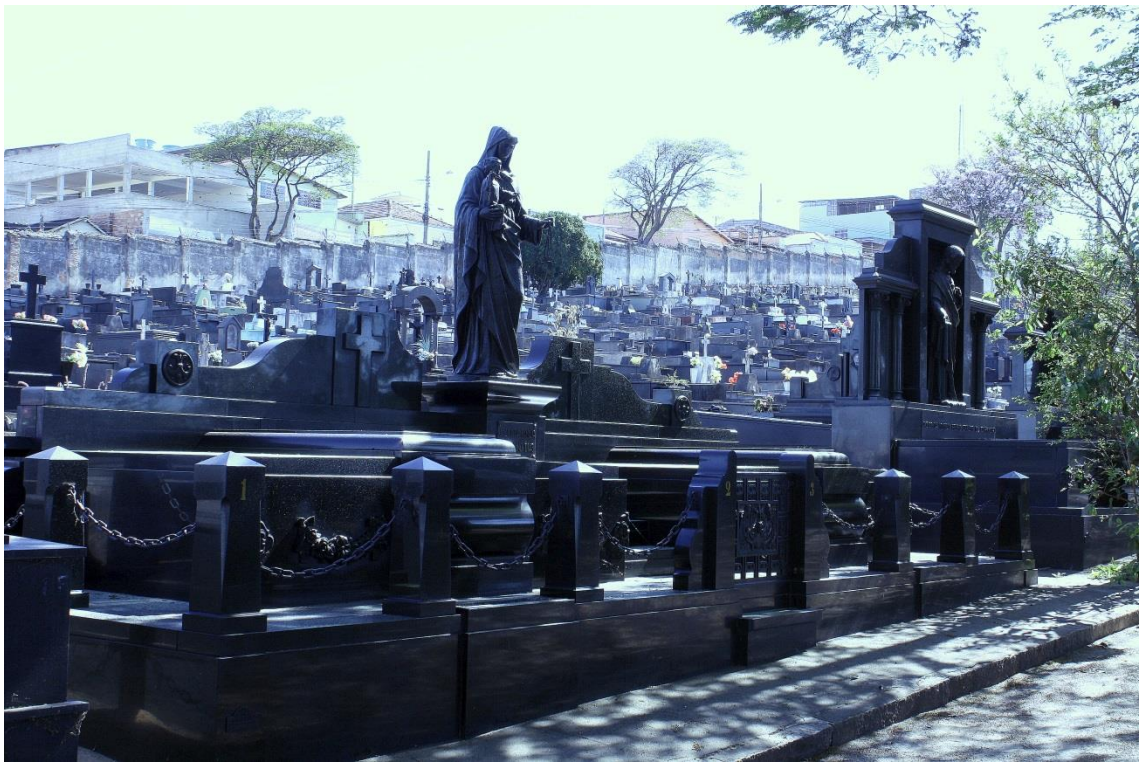

Foto 23: Observa-se a disposição dos mausoléus marginais voltados para as ruas, enquanto os túmulos no interior da quadra seguem outro padrão de organização.

Poucos sepultamentos não obedecem à orientação padronizada no interior das quadras. Todavia, as poucas ocorrências notadas, se destacam do conjunto, uma vez que rompem com a organização espacial da quadra, chamando atenção para aquele túmulo específico. Essa pode ter sido também outra medida utilizada para atribuir maior visibilidade aos jazigos, usando a disposição diferenciada da construção no espaço.

Foto 24: Jazigo adornado com grade, situado na quadra 16.

. A grade é um marcador interessante e indica a preocupação de certos setores da sociedade, desde fins do século XIX, em demarcar sua propriedade privada. O jazigo perpétuo, assim como uma casa, lote, carro ou qualquer outro bem, é transmissível aos herdeiros. A propriedade privada, um ponto tão caro e importante no mundo dos vivos, continuaria a ser um marcador no espaço funerário. A delimitação do lote adquirido no cemitério indica o espaço de cada indivíduo ou família, relacionando aquele espaço com as informações presentes na lápide. Mesmo após a morte, a necessidade de diferenciação da nascente burguesia se faz notar, e uma dessas estratégias de segregação na cidade dos mortos é a construção de cercas que para manter um espaço específico para aquelas pessoas.

Foi observado ainda que aqueles túmulos que se localizam na periferia do cemitério são mais simples, apresentando menos adornos, poucas esculturas e matéria-prima pouco dispendiosa. Os que se encontram no entorno do Necrotério, bem como nas alamedas principais, geralmente são mausoléus, projetados para mais de uma pessoa, apresentando estruturas monumentais, muitas vezes com a presença de esculturas, além da utilização de matérias primas caras, como o granito.

A organização do espaço a partir de estruturas arquitetônicas afeta o tipo de relação entre as pessoas e objetos, de forma que os dados das estruturas funerárias quando cruzados e comparados com sua localização dentro da organização desse local, explicitaram a relação entre espacialidade e classes sociais. O espaço é organizado dentro das quadras e aquelas mais próximas ao Necrotério, à praça e às avenidas abrigam túmulos suntuosos. A diferenciação ocorre ainda dentro de uma única quadra, uma vez que os locais com maior visibilidade, na borda das quadras e próximos às ruas, são privilegiados pela sua maior exposição.

3.5.1 Personagens ilustres em localizações privilegiadas

Além de abrigar famílias tradicionais, detentoras de poderio econômico, o Bonfim também conta com jazigos de algumas pessoas ilustres. Dentre eles, os políticos Raul Soares, Olegário Maciel e Silviano Brandão, ex-governadores do Estado, além dos ex-prefeitos Bernardo Monteiro e Américo René Gianetti. No âmbito religioso foram erigidos túmulos para receber as figuras do Padre Eustáquio e da Irmã Benigna.

Os jazigos de Raul Soares e Olegário Maciel têm uma localização privilegiada, em uma quadra que abriga soldados, políticos, expoentes da sociedade mineira. A quadra é adjacente à praça central, próxima à entrada do Cemitério. A topografia plana aumenta a visibilidade desse espaço, o que se configura como uma vantagem para que os indivíduos nela sepultados não caiam no esquecimento.

O local demonstra através de sua espacialidade a ideia extremamente difundida de demarcação e organização social e suas implicações em um sentido mais simbólico, na medida em que existe uma gradação hierárquica entre o centro e a periferia do cemitério. A disposição das sepulturas não é, de forma alguma, aleatória e representa valores que estão presentes na sociedade. Quanto maior a distância em relação ao centro do cemitério, das principais alamedas e capela, o espaço tende a abrigar túmulos notadamente mais simples, se considerarmos os materiais utilizados na construção dos mesmos e a presença ou não de monumentos e adornos funerários.

O túmulo-monumento de Raul Soares foi construído pelo Estado de Minas Gerais e encomendado ao escultor italiano Ettore Ximenes[29]. O político faleceu em 1924, mas seu jazigo, de tamanha complexidade, só foi inaugurado dois anos depois. O túmulo é uma homenagem a alguém, identificado como estadista, expressando também sua importância no cenário da capital.

Segundo o diretor da Imprensa Oficial, Noraldino de Lima:

> Dentro de poucas horas o monumento do dr. Raul Soares de Moura, ex-presidente do Estado, receberá, no cemitério do Bomfim, o seu baptismo de lagrimas e bençams. Mandou-o erguer a gratidão mineira como padrão de uma época. O utilitarismo apressado destes tempos não conseguiu, no seu avanço desolador, estancar, mercê de Deus, na alma do povo e no sentimento dos poderes constituídos, a consciência da justiça aos que bem merecem e da saudade aos que se collocam na altura della. Talhado pela mão do artista, o seu amor ao bronze forte e na pedra rude, a gente mineira como que fixou no grande tumulo, o cavalleiro da colina dolorida aonde ninguém sobe sem a dor por companhia, muito do seu coração e mais ainda do seu caracter. O governo pelo senso esthetico de seu actual presidente, acertou largo, pedindo ao granito dos montes e ao bronze das forjas o monumento da saudade que o Estado, sob a invocação do céo, inaugura numa curva da cidade muda.[30]

Os ritos fúnebres são uma poderosa ferramenta para expressar o grau de prestígio do morto e, consequentemente, as relações sociais, políticas e econômicas nas quais ele e sua família estavam inseridos. O ritual define-se por uma alteração no cotidiano, sendo realizado em ocasiões particulares. Os ritos ligados à morte, desde velórios e enterros até cortejos, podem ser indicativos da importância do indivíduo para determinada sociedade.

Tamanho investimento do Estado ao edificar o grandioso mausoléu explicita uma complexa rede de relações sociais ligadas ao falecido, uma figura de destaque em sua época. A materialidade, através das dimensões do jazigo, utilização de materiais dispendiosos, planejamento da sepultura por um artista renomado, evidencia a posição social de Raul Soares.

---

[29] Ettore Ximenes foi um artista italiano, com obras presentes em países como Argentina, Estados Unidos e Brasil. Seu monumento de maior destaque no país é o Monumento à Independência em São Paulo, em co-autoria com Manfredo Manfredi.

[30] SILVEIRA, Victor (org. e editor) Minas Gerais em 1925. Bello Horizonte: Imprensa Official, 1926. p.371. *apud*. ALMEIDA, 2007, P. 268-269.

O monumento de granito e bronze tinha finalidade de honrar a memória desse homem, lembrando seu caráter e bom coração, como se percebe no depoimento acima.

A morfologia, o tamanho — monumental, para impressionar o público, mostrar o poder econômico do Estado bem como a importância do falecido político —, as esculturas, além de outros adornos foram cuidadosamente pensados de forma a que o mausoléu congregasse os símbolos que seriam característicos da personalidade de Raul Soares.

Os políticos, pessoas públicas, ao serem acometidos pela tragédia da morte, são paulatinamente transformados em heróis, por meio da criação de uma figura importante, através da ritualização e esforços dispendidos para eternizar o indivíduo. "Sua morte em 1924 provocou comoção a capital mineira e deu início um período de homenagens e lamentações em honra ao político." (ALMEIDA, 2007, p. 266 – 267)

O túmulo de Raul Soares pretende expressar a dor sentida pela perda de um político tão importante para o cenário mineiro, ao mesmo tempo em que ressalta as caraterísticas pelas quais ele era admirado: força, grandeza e caráter. (ALMEIDA, 2007, p. 269)

Além da edificação do mausoléu, o nome do político foi inserido na malha urbana, com alteração do nome da Praça Quatorze de Setembro para Praça Raul Soares, localizada no centro da cidade. "Outra mudança de nomenclatura foi o batismo do Instituto Neuropsiquiátrico para Instituto Raul Soares. Não sendo, entretanto, estas venerações consideradas suficientes planejou-se e ergueu-se o túmulo-homenagem no cemitério do Bonfim." (Almeida, 2007, p. 268)

O jazigo não se compara a nenhum outro túmulo do cemitério, em termos de dimensões. Suas proporções expressam através da materialidade mecanismos de perpetuação do poder político e expressam a consolidação da República. A escultura central é uma mulher sentada representando o país, com a palavra "Brasil" gravada ao centro. Segundo Almeida (2007), o amor à pátria é depreendido de um jovem que a beija. A autora também afirma que as cinco esculturas dispostas pelo monumento possuem proporções reais.

As únicas palavras presentes no monumento são "Brasil" e o nome do político. O fato de a obra não conter nenhum elogio ou descrição inscritos na estrutura, indica

que o nome de Raul Soares fala por si só, dando a ideia de que não é necessário nada além para identifica-lo e rememorar seus feitos e contribuições para a sociedade na qual conviveu. Os elogios e as características geralmente presentes nas lápides não se fazem necessários, uma vez que somente o nome de Raul Soares evoca sua pessoa, perpetuando sua memória e estimulando sua veneração.

Foto 25: Mausoléu do ex-governador mineiro, Raul Soares, erigido em 1926.

Foto 26: Detalhe do Mausoléu de Raul Soares

Olegário Maciel também teve seu nome registrado na topografia urbana. A então Avenida São Francisco foi denominada Avenida Olegário Maciel, em 1935, dois anos após a morte do político.[31]

O político foi sepultado em um jazigo opulento, que busca transmitir as qualidades de um herói nacional. Seu mausoléu, de dimensões incomuns, foi construído em granito e apresenta o busto do político, além de três esculturas nas laterais. Além dos símbolos que buscam exaltar a República, no topo da obra há uma grande cruz em alto relevo, fazendo referência e reafirmando a crença do morto. Cabe observar que mesmo nessa edificação, que busca eternizar os valores civis, a influência da religião não esmorece. A cruz ressalta a recorrente relação entre morte e fé.

As características inscritas em latim ao pé das três figuras humanas são: LEX, LABOR e JUSTITIA, ou lei, trabalho e justiça, características identificadas como fundamentais em um adorado homem público. Assim, Olegário Maciel é lembrado como patriota, cujas ações foram de tal maneira importantes a ponto de serem eternizadas.

[31] A mudança de nome da avenida ocorreu sob os auspícios do decreto nº. 15 de 31 de maio de 1935, segundo (ALMEIDA, 2007, p.274)

Foto 27: Mausoléu de Olegário Maciel, inaugurado em 1935.

Em relação aos dois jazigos destinados aos políticos acima referidos, cabe lembrar que o Estado foi o responsável por arcar com os custos de tais edificações. O dinheiro público foi utilizado, sem restrições, para erguer tamanhas obras em homenagem a segmentos de classes não só economicamente, mas também social e politicamente dominantes. Segundo o encarregado do cemitério, Luis Carlos Zaidam, o valor do mausoléu de Raul Soares é inestimável.

Foto 28: Detalhes do jazigo de Olegário Maciel.

A existência das figuras políticas no espaço funerário do Bonfim é marcada de modo visível e pretensamente perpétuo, uma vez que a materialidade exprime uma série de atributos capazes de identifica-los. A exaltação nacional, a partir de elementos que simbolizam a República, bem como a personificação do morto através de um busto ou

detalhe, são características comuns que instituicionalizam e objetivam o reconhecimento dessas figuras públicas na cidade dos mortos.

Os modelos construtivos acima descritos visam fazer reconhecer determinada identidade social, traduzindo simbolicamente estatutos e posições dentro de uma sociedade. Ao exaltar o passado como figura política, cria-se uma segregação e distinção entre os demais, além é claro, de reafirmar o poderio econômico do Estado, capaz de construir homenagens tão monumentais em honra de personalidades significativas para a história mineira.

Finalmente, apesar de estarem situados em localizações privilegiadas, topograficamente plana e com grande visibilidade, não muito longe desses dois jazigos há uma presença marcante dos túmulos de pessoas cuja norma é o esquecimento. A monumentalização dos mausoléus dos ex-estadistas procura combater a finitude que envolve a morte. Os sepultamentos simples, por sua vez, muitas vezes não possuem nem acabamento, de maneira que o nome e as demais informações do morto não são registradas e se perdem com o tempo.

4. Considerações finais

se vê uma Constantinopla complicada com barroco, gótico e

cenário de ópera. É o cemitério.

João Cabral de Melo Neto

A leitura de uma sociedade em sua totalidade acedendo os fatos como realmente ocorreram é dificultada uma vez que a morte é uma ação ritual. Essa manifestação ritual representa a própria sociedade idealmente, o que na maioria das vezes difere da realidade. São exemplos as representações que exaltam a figura do morto, honrando sua memória e seus feitos. Os defeitos, inerentes àquela pessoa, são omitidos na materialização do rito da morte.

Todavia, os cemitérios revelam diferentes modalidades de sepultamentos e são uma rica fonte para o estudo do comportamento humano. As diferenciações dentro do espaço funerário são devidas a vários fatores, não somente econômicos, bem como culturais e religiosos. Com a reprodução desse modelo de necrópole, que abriga sepultamentos contrastantes, há uma manutenção dessas diferenças de maneira a naturalizá-las, mascarando-as como algo natural e intrínseco à própria sociedade. A presença de mausoléus exaltando sua opulência em contraste com túmulos humildes e pouco decorados é uma ferramenta de manter e legitimar as desigualdades, mesmo após a morte.

O contexto histórico, político e econômico de criação do cemitério do Bonfim coincide com o momento em que a burguesia se afirma como classe dominante no país. A individualização e caracterização da figura dos personagens célebres é uma vontade quase comum a alguns segmentos sociais.

O padrão de vida opulento é atestado no habitat póstumo, graças à atitude diante da morte que constrói representações monumentais, discurso que é transformado ao longo do tempo pela mudança na utilização de matérias primas e adornos mais recorrentes. A organização do espaço também foi identificada como uma das

características responsáveis por estruturar e manter relações assimétricas presentes em vida.

No Brasil, segundo Borges (2008), as grandes capitais que continham cemitérios secularizados contavam com a presença de jazigos produzidos por artistas brasileiros, imigrantes ou descendentes de italianos, portugueses, franceses e alemães.

Os ícones da mitologia clássica são importados das matrizes europeias, demonstrando a influencia da arte do Velho Mundo na formação dos gostos da burguesia em países como o Brasil. Não somente os temas representados, mas também grande parte da matéria prima dos primeiros sepultamentos é importada de países como Portugal e Itália, sendo capaz de definir e localizar esses jazigos dentro da estrutura social (Borges, 2004, 2008).

Apesar de contar com jazigos de estilos ecléticos, o Cemitério do Bonfim, surpreendeu por apresentar símbolos religiosos, especificamente católicos, na quase totalidade do universo pesquisado. Deetz explica que os adornos de caráter religioso geralmente não se transformam tão rapidamente, estando presentes quase sem alterações no estilo e morfologia que foram concebidos desde o início do cemitério: " religious institutions and their artifacts are known to be the most conservative aspects of a culture, resisting change." (DEETZ, 1977, p. 88)

Os cemitérios-jardim, que passam a ser mais frequentes a partir da década de 1960, prezam pela homogeneidade entre os túmulos, que possuem pouca ou nenhuma diferenciação morfológica, estrutural e artística. Assim, o Bonfim se revelou uma fonte valiosa das vontades da população diante da morte, expressando a diversidade de formas e necessidades que buscam lembrar a figura do morto.

Os cemitérios vêm sendo estudados há pelo menos meio século pela arqueologia, sendo percebidos como mais uma fonte para o estudo do comportamento de diversas sociedades[32]. As formas de enterramento, relação com o espaço funerário e variedade de adornos se demonstraram capazes de explicar algumas transformações significativas da estrutura social, como por exemplo, o surgimento do culto e veneração aos mortos a partir dos cemitérios oitocentistas.

[32] James Deetz publica em 1977 o artigo *Remember me as you pass by,* um dos primeiros estudos de arqueologia histórica sobre cemitérios, que analisa a arte mortuária de necrópoles em New England.

A partir do século XX e a consolidação de uma sociedade de classes, marcada pela segmentação, as características invocadas através da epigrafia tumular são pautadas no reconhecimento do civil advindo do trabalho ou mérito próprio. A gama de elementos distintivos é então aumentada, já que as lápides expressam conteúdos quase biográficos, eternizando as capacidades morais e civis.

Após a reflexão teórica, levantamento de dados e leitura da bibliografia especializada, esse trabalho permitiu a elaboração de argumentos discordantes de Clarival do Prado Valladares, que ao afirmar a existência de uma equidade no cenário da morte, diz que "dela participando em condições de igualdade o túmulo rico e a cova-rasa" (*apud*. MOTTA, 2009, p; 74) A combinação da análise material juntamente com a análise da espacialidade foram fundamentais para o entendimento dessas discrepâncias das mais variadas ordens, expressas na cidade dos mortos.

Devido ao lugar que ocupam, a disposição dentro do cemitério, a qualidade dos materiais construtivos, bem como a exibição ou discrição dos jazigos é possível identificar a organização social e a dinâmica do período, humanizando e desmistificando um passado que reflete muito dos comportamentos e morais ainda vigentes na atualidade.

O feixe conceitual, juntamente com os trabalhos de campo, permitiu identificar distinções — e opressões em alguns casos — relacionadas não somente ao poder econômico, mas também às relações de gênero, aos sepultamentos infantis morfologicamente diferenciados, à presença de marcadores da propriedade privada dentro de um local público. O passado expresso no ambiente funerário diz muito sobre a sociedade mineira atual, que apresenta ainda hoje, em maior ou menor grau, as mesmas diferenciações expressas nas construções de no mínimo 70 anos atrás.

***

Potencialidades

Ao longo dessa pesquisa o Bonfim se revelou um sítio arqueológico capaz de informar muito mais do que se tinha em mente a princípio. Alguns dados passíveis de análise foram observados e, apesar de não terem sido abordados nesse trabalho, são

também úteis ferramentas que se prestam a identificar transformações na economia, política, bem como em padrões de conduta moral.

Os cemitérios, na medida em que abarcam a materialidade intencionalmente edificada diante da morte, são capazes de transmitir a presença dos grupos diversos que compõem a sociedade. Essas classes expressam materialmente a organização seus últimos atos culturais: das práticas funerárias.

Outro índice de diferenciação que não foi aprofundado durante o texto, apenas citado, é a qualidade e escolha do material construtivo. Marcelina Almeida (2007, p. 374) ordena, por ordem cronológica, os insumos mais recorrentes para produção dos jazigos. Primeiramente, o mármore é o mais utilizado, seguido pelo granito. Depois, a esteatita, atualmente um material de baixo custo, é ocorrência mais frequente, seguida pelo bronze. Esses elementos são considerados um dos mais dispendiosos no momento em que surgem e passam a ser utilizados no espaço funerário, caracterizando as sepulturas mais suntuosas de cada período.

Existem aqueles túmulos que não possuem revestimento, sendo geralmente recobertos com alvenaria. O custo dos mesmos é incrivelmente mais baixo do que aqueles produzidos em boas matérias primas.

As obras exclusivas, planejadas e arquitetadas por artistas famosos e marmorarias especializadas remetem a outro fator distintivo. Estas construções se diferenciam da produção industrial em série. Esses túmulos únicos concorrem pela individualidade e luxo.

Finalmente, o turismo cemiterial e sua relação com a educação patrimonial são também potenciais campos de estudo, especialmente no que tange a proteção do local como portador da história de Belo Horizonte. É imprescindível que o Cemitério do Bonfim seja entendido pela população como local de história e preservação de um patrimônio cultural que é coletivo, e por isso deve ser preservado em conjunto. Um trabalho futuro, que preze pela construção do conhecimento arqueológico e patrimonial juntamente com as pessoas que visitam o Cemitério, seria capaz de conscientizar a população a respeito da importância história, artística e cultural que esse espaço exerce no cenário belorizontino.

5. *ANEXOS*

As fotografias abaixo não são indispensáveis para o entendimento da pesquisa, mas auxiliam na melhor compreensão e visualização do Cemitério do Bonfim e alguns dos elementos frisados ao longo do texto.

Foto 29: Vista parcial da quadra 15.

Foto 30: Vista parcial da quadra 17.

Foto 31: Vista parcial da quadra 04.

Foto 32: Jazigo localizado na quadra 18.

Foto 33: Sepultura com símbolo maçônico, quadra 05.

Foto 34: Campa revestida por flores, localizada na quadra 05.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. *O Cemitério do Bonfim: a morte na capital mineira. Locus: Revista de História.* Juiz de Fora , v.4, – n. 2, jul.- dez. 1998

_____.*MORTE, CULTURA, MEMÓRIA - MÚLTIPLAS INTERSEÇÕES: Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte.* Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Vol. II Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BARLEY, Nigel. *Bailando sobre la tumba (Encuentrosconlamuerte).* ED. Anagrama. Barcelona. 1995.

BENJAMIN, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica.* In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios sobre literatura e história da cultura Obras Escolhidas Volume 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BORGES, Maria Elizia. Os Riscadores de Pedra: produtores de uma alegoria funerária cristã. Goiânia. III ABEC, 2008.

_____. Expresiones artisticas de cuño popular em cementerios brasileños. Arte latinoamericano del siglo XX: Otras historias de la Historia. Rodrigo Gutiérrez Vinñuales (diretor) - Zaragoza: Prensas Universitarias de Zaragoza, 2005.

_____. A estatuária funerária no Brasil: representação iconográfica da morte burguesa. São Luís. VII Abanne: G´t Antropologia da Emoção, Edições do GREM, 8, 2004, CD-Room.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero. *Feminismo e subversão de identidade.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 140-155.

CARVALHO, Héllen Batista . *Cemitério Santana: A morte entre o moderno e o tradicional na sociedade goianiense*. Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, v. unico, 2000

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela . *Etnicidade: da Cultura, Residual mas Irredutível.* Lua Nova. Revista de Cultura e Política, São Paulo, v. 1, n. 1, 1979

CRESSEY, Pamela e STHEPHENS, John. The city-site approach to urban archaeology. In: DICKENS, Roy S Jr. (org). Archaeology of Urban America. The search for pattern and process. New York: Academic Press, 1982: 42 - 59

DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Herculine Barbin: Being the recently discovered memoirs of a nineteenth-century French hermaphrodite*. Pantheon Books, New York, 1980.

FUNARI, Pedro P. A. *A Arqueologia Histórica em uma perspectiva mundial.* In: Arqueologia da Sociedade Moderna na América do Sul, Cultura Material, Discursos e Práticas. SENATORES, María Ximena e ZARANKIN, Andrés (orgs.), Buenos Aires, Ediciones del Tridente, 2002,

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade,* DP&A Editora, 1992, Rio de Janeiro

JOHNSON, Matthew. *Teoría arqueológica: uma introducción*. Barcelona: Ariel, 2000. Cap. 7 – Arqueologíapostprocessual y arqueologia interpretativa.

LIMA, Tania Andrade. *De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais).* In: Anais do Museu Paulista**.** N. Ser, v.2, dez/jan de 1994. p. 87-150.

MANDEL, Ernest. *Introdução ao Marxismo*. Editora Movimento, 1978.

MOLLINARI, Luis G. *As necrópoles como Patrimônio Cultural: Reflexões sobre o inventário do Cemitério do Bonfim em Belo Horizonte*. In: XXVI Simpósio Nacional de História, 2011, São Paulo. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011.

MOTTA, Antonio. *À flor da pedra: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros.* Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2008.

_____.*Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros*. Rev. Brasileira de Ciências Sociais, v. 24, n. 71, p. 73-93, 2009.

_____.*Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios Brasileiros oitocentistas*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 55-80, jan./jun. 2010

ORSER JR., Charles. *Introdução à arqueologia histórica*. Oficina de Livros, 1992.

ORSER, Charles E. & FAGAN.Brian M. *Historical Archaeology*.Nova Iorque, HarperCollins College Publishers, 1995.

PELLINI, José Roberto. *Onde está o gato? Realidade, arqueologia sensorial e paisagem*. In: Revista Habitus, Goiânia, V.9, n. 1, p. 17-31, 2011.

RIBEIRO, Marily Simões. *Arqueologia das práticas mortuárias: uma abordagem historiográfica.* São Paulo: Alameda, 2007.

THIESSEN, Beatriz Valladão. *As paisagens da cidade: arqueologia da área central de Porto Alegre do século XIX.* Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

VALLADARES, C. do P. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura\MEC, 1972.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório, ou, o trabalho de luto.* São Paulo: Unesp, 2010.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades.* São Paulo: Brasiliense, 1987**.**

ZARANKIN, Andrés. *Paredes que Domesticam: Arqueologia da Arquitetura Escolar Capitalista; O caso de Buenos Aires.* Centro de Historia da Arte e Arqueologia (IFCH-UNICAMP), Campinas, 2002.

_____. *Corpos congelados: uma leitura metafórica de paredes e muros em Belo Horizonte*, MG. IN: J. MACEDO; R. de ANDRADE; C. TERRA (Orgs.) Arqueologia na paisagem: Novos valores, dilemas e instrumentais. Rio de Janeiro: Rio Books, 2012. p.18-33.

Sites Consultados

Acervo da Comissão Construtora da Nova Capital de Minas, Disponível em: http://comissaoconstrutora.pbh.gov.br/exe_dados_documento.php?intCodigoDoc=CC%20DT%2009%20029&strTipo=DESENHOS%20TECNICOS# (Acesso em 11/06/2012)

Fundação de Parques Municipais de Belo Horizonte – Cemitério do Bonfim, Disponível em:http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pIdPlc=ecpTaxonomiaMenuPortal&app=fundacaoparque&tax=21224&lang=pt_BR&pg=5521&taxp=0& (Acesso em 12/06/2012)

Foto 01: http://curraldelrei.blogspot.com.br (Acesso em 18/08/2012)